



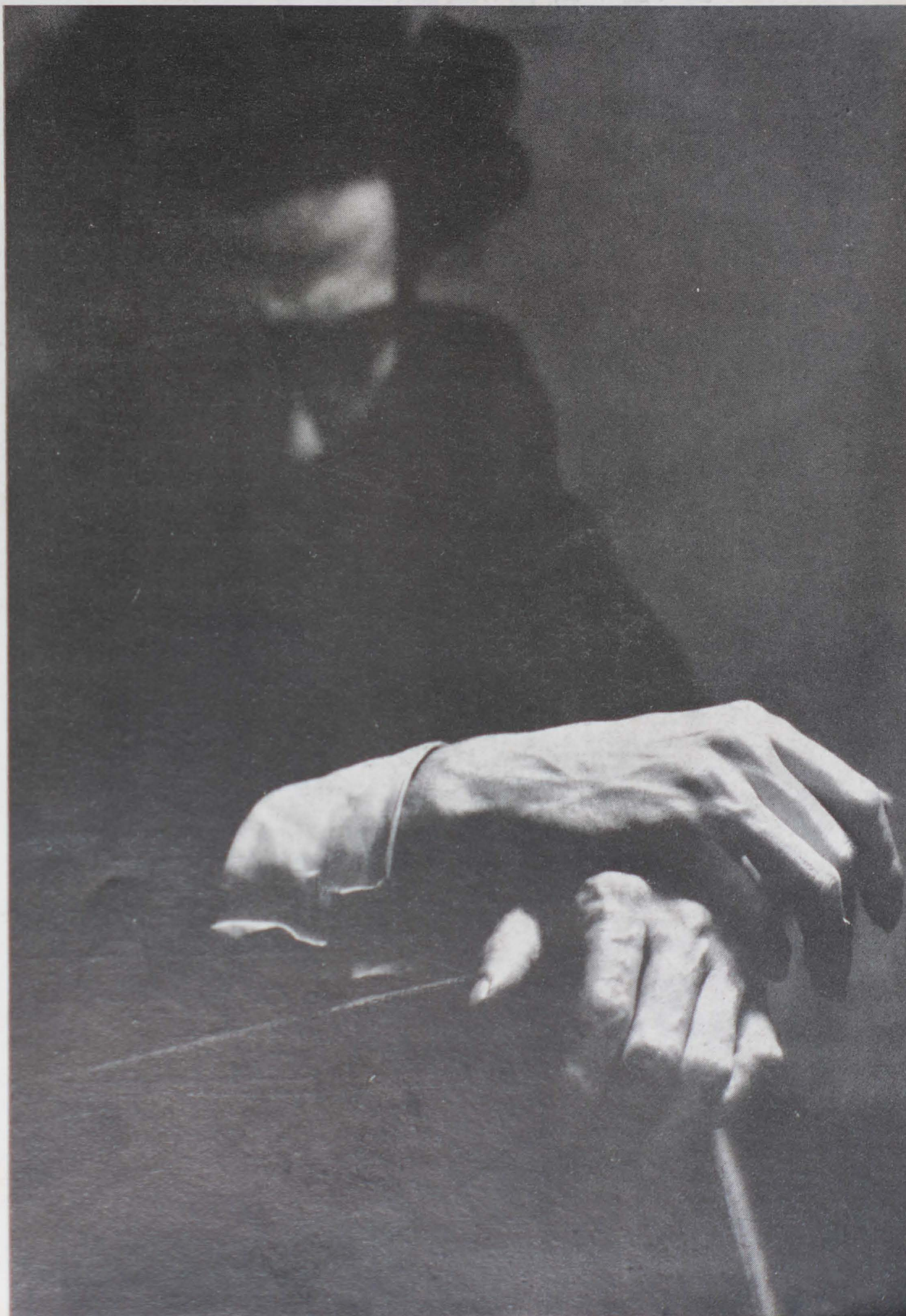
FOTO-CINE

Boletim

FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE

ANO V — N.º 59

MARÇO — 1951



"MAOS DE ARTISTA"
Annemarie Heinrich

5100

tudo que precisar em

CINE-FOTO

- ☆ Máquinas fotograficas
- ☆ Acessórios para fotografia
- ☆ Acessórios para laboratório
- ☆ Livros e revistas sôbre Cine-Foto
- ☆ Filmes, chapas e papéis
- ☆ Projetores mudos e sonóros
- ☆ Filmadores 8 e 16 mm.
- ☆ Acessórios para cinema
- ☆ Filmoteca de aluguel
- ☆ Filmagens a domicilio
- ☆ Projeções a domicilio
- ☆ Moderno laboratório

Vendas pelo Credi-Mesbla

MESBLA

Rua 24 de Maio, 141

Uma loja completa no centro da cidade

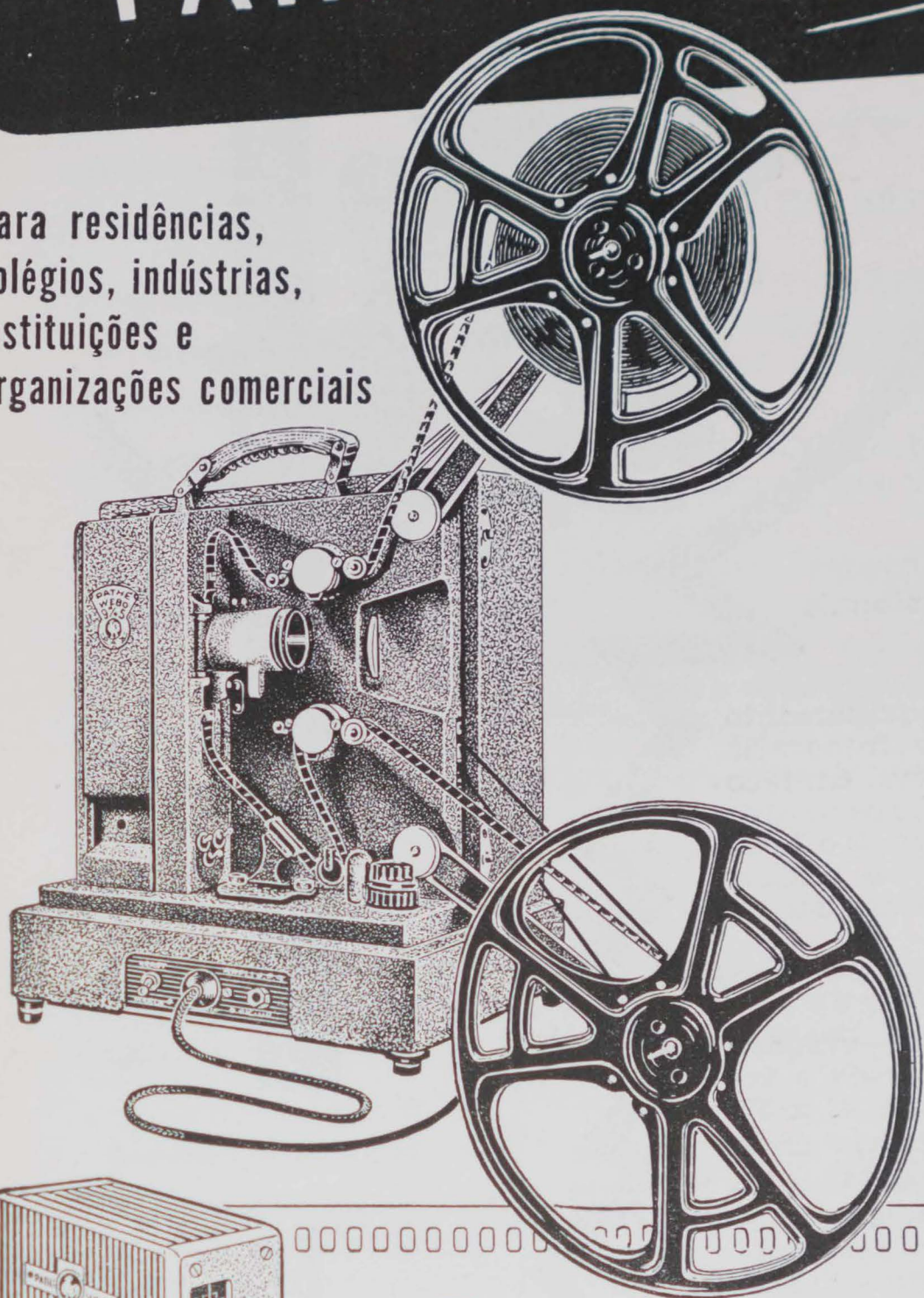
PROJETORES PATHÉ "PAX"

SONOROS
E MUDOS

9,5 ou 16 mm.



Para residências,
colégios, indústrias,
instituições e
organizações comerciais



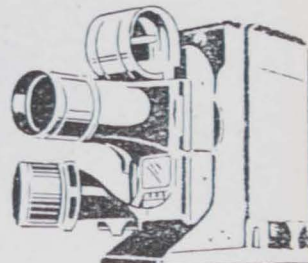
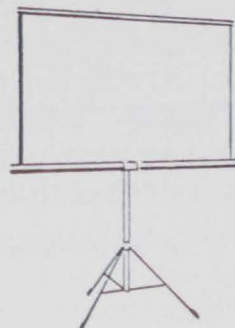
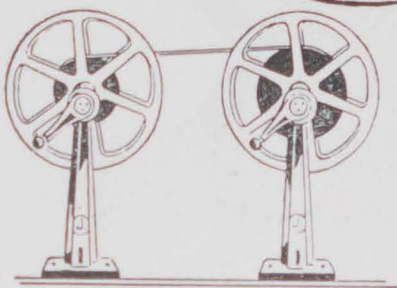
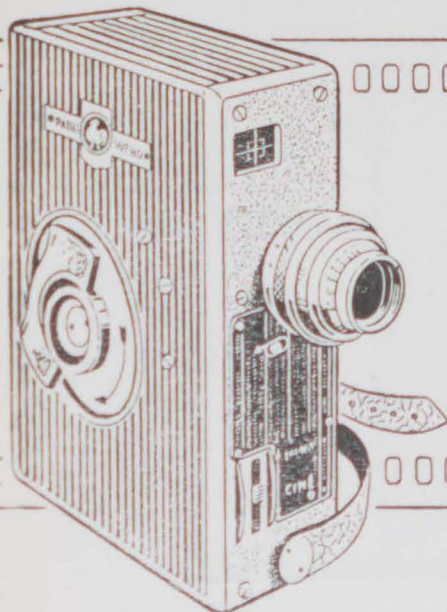
Pense na sensação que PATHÉ WEBBO pode causar a qualquer hora em sua casa! Exiba para os seus, com a nitidez e a segurança dos grandes cinemas, os filmes que quiser — em sessões especiais, exclusivas para os seus familiares e amigos! Conheça, hoje mesmo, os projetores PATHÉ WEBBO — fonte sonora e colorida de entretenimento para o seu lar!

Isnard

Cine-Foto S/A

UMA TRADIÇÃO CENTENÁRIA

Rua 24 de Maio, 70-90 - Telefone 4-8191 (Ramais)
Filial: Alameda Barros, 161 - Telefone 51-4968
ONDE O SEU CARRO PODE ESTACIONAR!
SÃO PAULO



Fixe para sempre os grandes momentos de que são heróis e heroínas seus filhos, parentes e amigos.

Com a Câmera PATHÉ WEBBO o senhor pode fazer proezas cinematográficas. É tão fácil!



A CHAVE
E O
SEGRÊDO
DA
FOTOGRAFIA
PERFEITA

EQUIPAMENTOS

DeJUR

para foto-amadores e profissionais

Na qualidade do equipamento reside boa parte da fotografia perfeita. É por isso que, em todo mundo, fotógrafos experientes recomendam a marca DeJUR como a mais prestimosa auxiliar do fotógrafo, seja ele amador ou profissional.

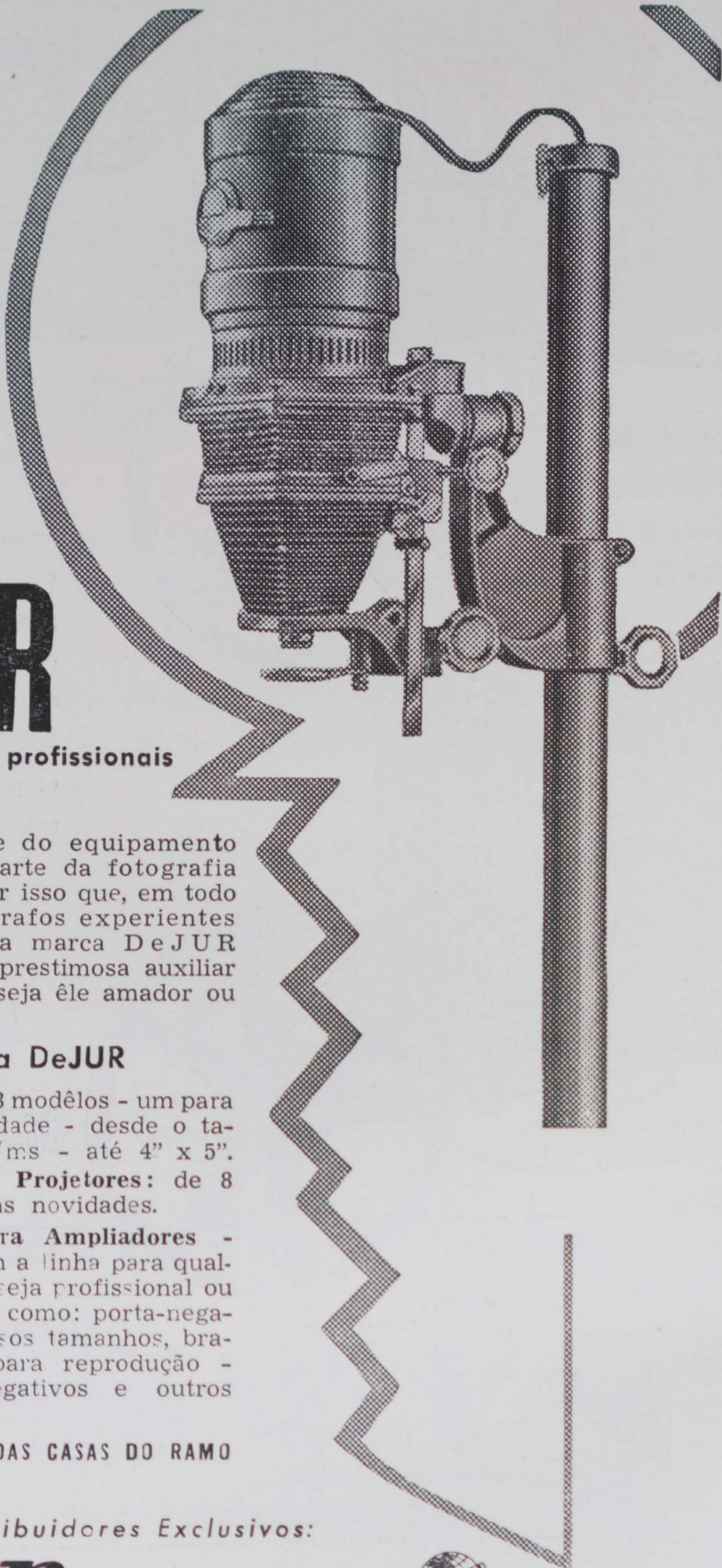
Linha DeJUR

Amplificadores: 3 modelos - um para cada especialidade - desde o tamanho 35 m/ms - até 4" x 5".

Filmadores e Projetores: de 8 m/ms - últimas novidades.

Acessórios para Amplificadores - que completam a linha para qualquer serviço, seja profissional ou amador, assim como: porta-negativos de diversos tamanhos, braços laterais para reprodução - seleção de negativos e outros acessórios.

À VENDA NAS BOAS CASAS DO RAMO



Distribuidores Exclusivos:

Cipan



Rua Dom José de Barros, 238 - Telefone: 6-6913 - São Paulo



Diretor Responsável:

Dr. Eduardo Salvatore

Diretor de Redação

Dr. Jacob Polacow

Diretor Comercial:

N. Kojranski

Colaboradores:

Aldo A. de Souza Lima

Antonio S. Victor

Correspondentes no

Estrangeiro:

Alejandro C. Del Conte,

Buenos Aires, Argentina

Marius Guillard

Lion, França

Domenico C. Di Vietri

Roma, Itália

Ray Miess

Wiscossin, Estados Unidos

Geraldo de Barros

Paris, França

Redação e Administração:

R. São Bento, 357 - 1.º and.

São Paulo — Brasil

SUMÁRIO

	Pg
A NOTA DO MÊS	5
CEM QUADROS DE ANNEMARIE HEINRICH J. POLACOW	6
O "DYE TRANSFER" (II)	10
SEMINÁRIO DE ARTE FOTOGRÁFICA	13
A CINEMATOGRAFIA NOS COLÉGIOS NORTE-AMERICANOS	21
ROBERT GESSNER	
UMA EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL	24
ALDO A. SOUZA LIMA	
ANNEMARIE HEINRICH EM S. PAULO	26
REFORÇANDO OS PONTOS DOS ii (II) ..	28
JOSÉ OITICICA F.º.	
X.º SALÃO INTERNACIONAL DE ARTE FOTOGRÁFICA DE S. PAULO	32



ATIVIDADES FOTOGRÁFICAS NO PAÍS — O BANDEIRANTE NO EXTERIOR — ATIVIDADES SOCIAIS — CONCURSOS — SALÕES — VÁRIAS.



Exemplar avulso em todo o Brasil Cr.\$ 5,00
Assinatura anual: Cr.\$ 50,00 - Sob registro Cr.\$ 60,00
Para o exterior Cr.\$ 100,00

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS SÓCIOS DO
F. C. BANDEIRANTE

O FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE, receberá com prazer a visita de todo e qualquer aficionado da arte fotográfica, assim como responderá pelos seus Departamentos, a qualquer consulta que lhe fôr dirigida quanto às suas atividades ou sobre a prática de fotografia e cinematografia amadorista. Outrossim, recebe, sem compromisso, colaboração para o seu Boletim sendo que as opiniões expendidas em artigos assinados, correrão sempre por conta de seus autores.

Toda correspondência deve ser dirigida para a séde social do FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE — Rua Avandava, 316, S. Paulo, Brasil.



SALA DE ESTAR



SALA DE EXPOSIÇÕES



STUDIO

FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE

DECLARADO DE UTILIDADE PÚBLICA PELA LEI N.º 839 DE 14-11-1950

ALGUMAS DAS VANTAGENS QUE OFERECE:

Orientação artística e técnica mediante palestras, seminários, exposições, demonstrações e convívio com os mais destacados artistas-fotógrafos.

★

Laboratório e Studio para aprendizagem e aperfeiçoamento.

★

Sala de leitura e biblioteca especializada.

★

Excursões e concursos mensais entre os sócios.

★

Participação nos salões e concursos nacionais e estrangeiros.

★

Intercâmbio constante com as sociedades congêneres de todo o mundo.

DEPARTAMENTOS:

Fotográfico

Cinematográfico

Secção Feminina.

★

	Cr.\$
Joia de admissão	50,00
Mensalidade	20,00
Taxa extra mensal pró-sede própria	10,00
Anuidade (recebida somente nos meses de janeiro a março de cada ano ...)	320,00

★

Os sócios do interior e outros Estados e da Secção Feminina gosam do desconto de 50%.

★

SÉDE SOCIAL (Edifício Próprio): RUA AVANHANDAVA N.º 316

FONE: 32-0937 — S. PAULO, BRASIL



CONCURSOS INTERNOS



EXCURSÕES



SALÃO INTERNACIONAL

A Nota do Mês

Por melhor que se apresente uma iniciativa ou um empreendimento, por certo não logrará êxito, si não se divulgar a sua utilidade e não se propagar as suas vantagens.

Nesse particular, forçoso é reconhecer, os clubes fotográficos não desfrutam posição invejável. Além dos seus membros, poucos são os que conhecem a estruturação de uma entidade dessa natureza e, portanto, a multiplicidade de aspectos úteis e agradáveis que a caracterizam e que podem ser usufruídos tanto pelos fotógrafos praticantes como pelos diletantes.

A fotografia constitue um elo de ligação inigualável de modo que um grupo de amadores é, efetivamente, um grupo de bons amigos. Propiciar amizades que não se limitam aos indivíduos mas se estendem pelas famílias dos associados, é uma característica peculiar a um Clube fotográfico.

Resulta desse benéfico fator de aglutinação, um sentido de unidade que permite às associações fotográficas empreenderem feitos de incontestável magnitude, quer se trate da divulgação e aperfeiçoamento da Arte Fotográfica, quer se trate do intercâmbio cultural e artístico com as diferentes nações do globo ou, ainda, a disseminação pela imagem e por todos os pontos cardiais, daquilo que constitue o orgulho estético do país.

Fotógrafo e excursionista são termos sob certo aspecto, equivalentes, porquanto a caça á imagem, implica ôbviamente na constante busca de novos aspectos em regiões ainda não visitadas, sempre no afã de colher o fugidio momento da natureza digno de se transformar na mensagem da própria emoção.

Justamente por esse motivo é que os clubes fotográficos mantêm como atividade normal a realização periódica de excursões, para os seus associados.

Essas excursões constituem, primordialmente, uma verdadeira escola de fotografia, pois que a comunidade entre veteranos e principiantes possibilita a estes uma aprendizagem efetiva e prática das minucias e detalhes que se entrelaçam na feitura de uma bôa chapa.

Paralelamente representam uma prática esportiva do melhor quilate, sem falarmos no incremento á sociabilidade e ao espírito de equipe. Desenvolvem o senso associativo e clubístico de desprendimento e "fair play", com reflexos manifestos sôbre a vida cotidiana de cada um. Trazem os cidadãos ao aprazível e sadio convívio com a natureza. Desvendam e incrementam novas modalidades de turismo. Proporcionam, em síntese, aquelas horas inolvidáveis e de grata recordação, nas quais sentimos a vida em toda a sua plenitude, numa justa recompensa á rotina enfadonha e afanosa que é o tributo de cada um aos requisitos da subsistência.

Portanto, a esplêndida série de excursões que a Diretoria do Foto-cine Clube Bandeirante vem programando para o ano em curso, oferece de per-si, sobejos atrativos para o ingresso no seu quadro social.

Está aí o convite a todos que desejam dignificar as suas horas de lazer.

Cem Quadros de Annemarie Heinrich

J. POLACOW

Quando os dirigentes do Foto-cine Clube Bandeirante se propuzeram promover uma exposição individual de Annemarie Heinrich, anteviram, por certo o seu êxito, tantas e insofismáveis foram as credenciais com que se apresentou essa renomada artista em nosso país.

Os "panos de amostra" que constituíram a sua participação nos últimos Salões do Bandeirante autorizavam os melhores prognósticos para a prova de maior responsabilidade que seria a exposição de cem trabalhos na Galeria do Museu de Arte de São Paulo.

Os fatos não vieram apenas confirmar, mas sobrepujaram as previsões mais otimistas, além de nos trazer uma nota sumamente agradável pela presença de Annemarie que para aqui se transportou com a finalidade exclusiva de assistir aos preparativos e à inauguração da sua exposição, enquanto nos proporcionava horas encantadoras de intercâmbio espiritual e artístico.

Escudada numa simpatia avassaladora e manejando a seu talante a terrível arma da simplicidade no seu mais profundo sentido humano, essa criatura vivaz e irrequieta conquistou e dominou inteiramente a todos que tiveram a ventura da sua convivência.

Aqueles que conhecem de perto a trajetória desse astro da Arte Fotográfica, a sua consagração representa, acima de tudo, motivo de embevecimento e simpatia. Sim, porque Anne-

Lo más común es que, del fotógrafo que admiramos, del novelista predilecto o del poeta cuyos versos nos embelezan, forjemos en nuestra mente la imagen ideal de sus personas de acuerdo con el grado de emoción que nos producen sus obras. Allá, con el tiempo, la casualidad pone ante nuestros ojos un retrato de esos personajes soñados y vemos, no sin el comprensible disgusto, que la imagen forjada se derrumba. Por eso fotógrafos, novelistas y poetas no debieran jamás mostrarse, para dejar que los que los admiramos, sigamos idealizando sus figuras

Pero, con Annemarie, no es ese el caso. El que la ve, recién puede decir que penetra en la emoción de sus obras. Tanto es lo que se identifica en ellas. Pequeña, menuda, siempre con ese desalino elegante en el vestir que caracteriza a los artistas verdaderamente temperamentales, su figura atrae tanto como sus cuadros y aun más: sugestiona. Con ella, tanto como con su obras, se vive el arte. Y se lo siente.

Por eso el que admira las obras de Annemarie, puede idealizar en su mente a la autora. Que, por cierto, nunca llegará a forjala tan interesante como realmente es.

P. Nostradamus

marie nos fala mais ao coração do que ao cérebro e nós sabemos quanto foi árdua a caminhada percorrida para atingir os píncaros da glória, desde os dias em que a menina bisonha de quatorze anos, recém-chegada a um país de hábitos e de idioma inteiramente diversos aos da terra natal, encontrou numa velha câmara fotográfica, o instrumento para a expressão dos seus anseios estéticos.

Espinhosa, sem dúvida, foi a aprendizagem numa época em que não existia um curso regular, sequer para os rudimentos de fotografia. Daí a pe-

reginação pelos estúdios profissionais de Buenos Aires, onde cada migalha de conhecimento útil exigia como paga, dias intermináveis de tarefa enfadonha e rotineira. Quem poderia enxergar naquela adolescente franzina e tímida sinão uma artezã anônima que se consumia em tarefas de menor importância? Quem poderia adivinhar a chama interior que escaldava seu espírito num anseio incontido de aprender para criar?

Retoque de negativo, retoque de positivo, técnica de revelação e de ampliação, retratos para carteiras de identificação, prática de iluminação, foram os degraus penosamente galgados para formar o alicerce de conhecimentos básicos.

Depois, o pequeno laboratório instalado na residência, sabe Deus com que sacrifício, constituindo o primeiro passo para a libertação.

Estudo, pesquisa, vontade férrea de progredir, persistência inabalável, marcaram os anos que se seguiram. Finalmente, a realização.

Si a luta foi titânica, valeu contudo para aguçar o discernimento, para avivar o espírito de análise e penetração, para conhecer e interpretar a alma humana.

Cedo compreendeu Annemarie que a sua carreira artística seria uma decorrência do clima espiritual em que desenvolvesse a sua personalidade. Daí, o seu lema de manter o espírito em constante atividade e de estruturar a sua existência num mundo de eclético estetismo.

A Arte lhe interessa sob todas as manifestações. A bôa leitura, o lírico, o sinfônico ou o ballet, a pintura ou a escultura, as conferências e os debates, lhe proporcionam o alimento de que necessita para o seu incessante aperfeiçoamento intelectual. E esse cabedal lhe possibilitou a realização de uma obra inteiramente pessoal, sem qualquer vínculo ao academismo. Absoluta liberdade de criação e interpretação, constituem a sua característica primordial.

Mas, de que maneira teria atravessado Annemarie o profundo valo que separa o profissionalismo convencional do pictorialismo fotográfico, no seu conceito artístico? Simplesmente pela ponte. Sim, pela ponte que no caso foi um clube de foto-amadores. Aí desvendaram-se aos seus olhos as incomensuráveis possibilidades expressivas da fotografia. Aí encontrou um ambiente de compreensão e colaboração, onde a experiência adquirida por cada um era prazerosamente transmitida aos demais, sem restrições nem fátuos convencimentos. Aí tomou contacto com os Salões nacionais e internacionais, aos quais começou a concorrer com os seus trabalhos que iam tendo crescente aceitação pelo constante aprimoramento.

Por isso mesmo Annemarie Heinrich entrelaçou de forma indissolúvel a sua carreira, à vida clubística de diversas entidades às quais está filiada como colaboradora militante. Como consequência, temos presente a sua magnífica exposição patrocinada no Brasil pelo Foto-cine Clube Bandeirante.

Vejamos pois as impressões que nos trouxeram os seus quadros e que aqui reproduzimos como um testemunho da valiosa contribuição que representam, para o engrandecimento da Arte Fotográfica.

Percorrendo a galeria para uma apreciação de conjunto, a nossa atenção é imediatamente despertada para a surpreendente versatilidade de Annemarie. Da paisagem ao portrait, da natureza morta à criação fantástica e subjetiva, da delicadeza do nú ao dramático dos retratos e das cenas de gênero, nada escapou à realização de Annemarie.

Antes de nos enlevarmos em estados emocionais a que seremos conduzidos pela apreciação de cada quadro, surpreende-nos o primor da técnica fotográfica que constitui o denominador comum da sua obra. Virtuosismo de mestre é como se deve qualificar o rigor de aperfeiçoamento atingido.

Detendo-nos no exame individualizado, cada quadro nos revela um novo ângulo, um novo aspecto dos recursos incomensuráveis que possui a artista.

Assim, veremos a engenhosidade em "Transfiguración", pela surpreendente fusão, no mesmo quadro, de um "high key" e um "low key", num desafio desabusado à confinção imposta pela latitude do material positivo.

Mais adiante seremos surpreendidos pela sensibilidade e penetração interpretando e traduzindo expressões de um dramatismo profundo como é o "Retrato de Lino Eneas Spilínbergo" ou a candura angelical de "Niña".

Em "Florence Marly" constataremos a invejável capacidade da autora no que concerne à resolução dos problemas plásticos no âmbito da fotografia, para sermos levados, em seguida, a admirar a sua originalidade concepcional em "Manos de Artista".

Ao examinarmos "Adolescente" e, depois "Bulería", temos a impressão de que Annemarie manipula com a luz como si esta fosse um fluido submisso aos seus caprichos e devaneios; no primeiro, a iluminação singela, como a requer a pureza do modelo e no segundo, a malícia sutil que lhe possibilitou o relevo e o dinamismo.

Torna-se inconcebível o potencial creador da Autora que em cem trabalhos não apresenta repetição, não resvala para a mesmice, não estagna na horizontal. Os quadros se valorizam mutuamente, graças aos contrastes dos temas e à variedade infinita de tratamentos. Assim, somos sucessivamente conduzidos do "glamour" de "Acecho", à rusticidade de "Francisco Petrone", ou da singelidade de "Bulbo en flor" à trama engenhosa de "Auto-retrato".

Nos temas que já têm sido tratados por inúmeros outros artistas é que podemos aquilatar da sua visualização personalíssima, sem, entretanto, deno-

tar afetação ou artificialismo. É o que nos traz à evidência, "Torre Eifel" e "Puentes del Sena".

Denotando um temperamento polimórfico, transmite-nos a mensagem da sua ironia indulgente em "De Gala" para logo a seguir, nos confiar a aceitação realista do flagrante "La espera".

E si essas são as impressões de "impacto" ou dominantes em que ressalta a personalidade artística plenamente realizada e o apurado senso estético sem convencionalismo, valores de igual magnitude nos serão revelados si nos detivermos num exame mais acurado dos detalhes, dos acessórios, das minúcias de efeito ou da sutileza na sugestão de ambientes, como no caso de "Pelo de zanahoria".

Em síntese, diríamos com mais propriedade que Annemarie esculpe com a luz. Retrata almas e não objetos ou pessoas. Daí o cunho humaníssimo da sua obra que convence e emociona.

"Livro de Visitantes"

CONT. DA PAG. 27

"Arte, trabajo y amistad constituyen un solido pedestal en el edificio humano del Foto-cine Club Bandeirante. Una de mis mayores sorpresas en San Pablo, emocionante mas que ninguna, ha sido encontrar-me con el clima espiritual del Foto-cine Club Bandeirante, que honra a su pais. a) ANNE-MARIE HEIRICH, 19-3-51.

—●—

"Solicitado imerecidamente para dar mi opinion sobre el Foto-cine Clube Bandeirante, me parece mejor ligarla con la de la misma ciudad que le dió vida: creo que su mejor destino (el del Foto-cine Club) será que logre presentar y representar, grafica, dinamica y artisticamente, a esa madre poderosa, pujante, haciendola conocer al mundo en el puesto real que le corresponde. a) ALVARO SOL, 19-3-51".

★ Propor novos sócios é o dever de todo bom sócio ★



"ESTUDO DE NU"
Annemarie Heinrich

O "Dye-Transfer"

Cópias em cores pelo Ektacolor

(CONCLUSÃO)

(Adaptado do "American Photography"
por VICTOR).

Na primeira parte deste artigo, publicada em nosso último número, vimos como se processa a revelação do Ektacolor, o filme negativo em cores do qual podemos obter cópias positivas também coloridas, pelo processo "Dye Transfer" muito em voga, ultimamente, nos Estados Unidos.

Vejam agora, como se executa o "transporte" para a obtenção da cópia positiva, utilizando folhas do filme "Pan-Matrix" também fornecido, como o Ektacolor, pela Kodak e fazemos votos para que a grande fábrica norte-americana, por intermédio de seus representantes em nossa terra, faça chegar também á nós esse material ainda aqui tão desconhecido quanto são escassos os demais de sua fabricação. — R.

Cópia

Para obter a cópia colorida não são necessários outros processos de proteção do filme ou mesmo a obtenção de negativos diversos. Coloca-se o negativo do Ektacolor no ampliador e três folhas do film Pan Matrix as quais são sucessivamente expostas através de um filtro vermelho (Wratten 70), verde (Wratten 61) e azul (Wratten 47), respectivamente.

Evidentemente, neste processo não existe a mesma simplicidade do trabalho com o negativo do branco e preto, mas, em parte, ele é bem mais fácil e suave do que o uso de três negativos separados.

Como é usual nos processos de transporte coloridos (Dye Transfer), as três exposições serão ligeiramente diferentes e os tempos de cópia deverão ser avaliados. O melhor recurso, no caso, é o emprego de um densitometro para cores, o qual proporciona os índices relativos de exposição, que tam-

bém poderão ser encontrados por tentativas si um objeto neutro e adequado foi fotografado na mesma iluminação do assunto. A reprodução deste cartão neutro no negativo Ektacolor é copiado de forma que apresente a mesma densidade tanto nestas exposições experimentais como no film Pan Matrix.

As três exposições deverão ser consideravelmente muito mais iguais do que aquelas obtidas com negativos separados. Desde que elas tenham sido determinadas, a cópia é realizada como em qualquer outro processo de transporte colorido, através do filme matriz básico.

A manipulação delas no laboratório foi consideravelmente simplificada e um novo aparelhamento foi produzido para auxiliar o trabalho dos laboratórios comerciais. O film Pan Matrix é fornecido em tamanhos que são ligeiramente maiores do que os tipos comuns de papeis e são perfurados nas margens para facilitar sua colocação nas câmaras de impressão a vácuo.

A existência deste equipamento, contudo, não deve desencorajar o amador de trabalhar com este processo desde que se pode utilizar o tipo comum de presilha sem o dispositivo a vácuo e também manter o filme perfeitamente preso e liso, havendo, ainda, a eventualidade de um aperfeiçoamento introduzido pela imaginação do leitor que poderá perfeitamente comportar as folhas já previamente perfuradas.

Tratamento

O tratamento das matrizes depois de expostas exige cuidado e é diferente dos demais processos. Devem ser

observadas **exatamente** todas as instruções para serem alcançados resultados satisfatórios.

Duas soluções são utilizadas: o revelador e o fixador. O revelador é fornecido em duas soluções que exigem 30 minutos de trabalho contínuo de mistura, executada vigorosamente, pouco antes de serem as matrizes reveladas. O quadro correspondente fornece a sequência do tratamento detalhe por detalhe.

As três matrizes já expostas são reveladas simultaneamente. Primeiramente são mergulhadas na água a uma temperatura de 68-70F onde são continuamente trocadas durante 90 segundos, ou seja, a de cima é colocada em baixo e assim sucessivamente até o final desta fase. Deve-se ter extremo cuidado no manuseio das matrizes afim de não riscá-las. Si o amador deseja obter resultado satisfatório e de igual qualidade, esse processamento é absolutamente indispensável.

O tempo de três minutos para revelação e o de dois minutos para fixação também exigem esta mesma contínua rotação das matrizes a partir da superior para a inferior. Nenhum outro processo poderá assegurar idêntica eficiência, quanto à qualidade da revelação.

Depois da fixação, as matrizes são lavadas separadamente em quatro trocas de água à temperatura de 120F. A gelatina que não se desprende é removida e deixa uma imagem em relevo perfeitamente proporcionada e que recebe com absoluta perfeição as cores. Este processo se assemelha ao transporte colorido.

Transporte

Devem as matrizes serem secadas e depois imersas em banhos coloridos adequados. O processo é idêntico aos métodos antigos de embeber e só se

Revelação da Matriz Pancromática

1 — Prévia humidificação na água 68-70F	Continua troca das folhas	1½ minutos
2 — Revelador previamente misturado 68F	Misturar vigorosamente (½.º de tolerância)	½ minuto
3 — Revelar 68F	Continua troca das folhas (½.º de tolerância)	3 minutos
4 — Enxaguar 68-70F	Dois ciclos de troca das folhas	½ minuto
5 — Banho interruptor 68-70F	Continua troca das folhas	2 minutos
6 — Lavar 118-122F Lavar Enxaguar Enxaguar os bordos Enxaguar (2)	Agitar a bacia inclinada idem, idem com os dedos Agitar a bacia inclinada	(2½ minutos cada matriz)
7 — Enxaguar gelado 68-70F	Retire e escorra três vezes	½ minuto cada matriz
	Total:	18 minutos por três.
8 — Secar	Em ar livre de poeira.	

diferenciam pelo fato do novo sistema de registro efetuar-se de forma inteiramente automática.

Os orifícios de registro correspondem às saliências da táboa utilizada na exposição dos filmes e ela poderá ser empregada ou substituída por outra na transposição das imagens coloridas para o papel. O novo aparelho proporciona excelente registro automático e apressa o trabalho, especialmente quando são numerosas as cópias a serem feitas.

As matrizes, secas nos seus próprios banhos de cyan, magenta e amarelo, são transpostas na ordem citada para o papel que já se encontrava de molho no Condicionador de Papel Kodak. Deve a cópia ser seca relativamente depressa afim de evitar que a côr se modifique e também contrastes acentuados se formem no contorno dos objetos.

Sumário

Evidentemente estamos desprezando alguns detalhes técnicos que se encontram mais detalhadamente expostos nos folhetos explicativos. Devem ser estudados e obedecidos rigorosamente os diversos detalhes do processo até possui-los inteiramente dominados.

Representa o processo Ektacolor um grande progresso no uso da côr. A realização da cópia não é inteiramente fácil e nem tampouco infalível, mas já foram removidas muitas particularidades nas quais incidiam os frequentes erros. Desde que o amador se empenhe, poderá obter cópias de elevado índice técnico e qualitativo. Por outro lado, muitos profissionais também poderão concluir quão lucrativa é a nova modalidade, assegurando-lhes valiosas cópias e permitindo-lhes atender às conveniências financeiras de seus fregueses.



FIGURAS DESTACADAS da fotografia-artística sul-americana encontraram-se na séde social do F. C. Bandeirante por ocasião da visita de Annemarie Heinrich. No feliz flagrante acima vemos a festejada intérprete argentina e José Oiticica F^o, do Rio de Janeiro, entre José V. E. Yalenti e Aldo A. de Souza Lima, ambos de S. Paulo. (Foto G. Lorca)

"MURMURIO"
Ivo F. da Silva



Seminário de Arte Fotográfica

Anotações de **NELSON KOIRANSKI**

Proseguindo no seu programa de ação, o F. C. Bandeirante promoveu em fins deste mês, em sua sede social, mais um seminário de Arte Fotográfica. Foi mais uma concorrida e interessantíssima reunião durante a qual foram analisados alguns dos trabalhos apresentados no concurso interno de fevereiro último, sob o tema "**Marinhas**".

Os debates decorreram sempre animados, mas dentro daquele ambiente amigável e ameno, por vezes pontilhado de notas de sadio humorismo emprestando mais leveza às críticas e debates.

Teve este seminário a orientação sempre esclarecida do Dr. Jacob Polacow, Diretor Fotográfico do F. C. B.

Damos a seguir um resumo dos debates.

—●—

Abrindo a reunião e a título de introdução, fez o orientador uma breve apreciação sobre o concurso de fevereiro que reputou mais fraco do que era dado esperar deante da frequência com que é explorado o tema sobre o qual versou e também pelo que dele já havia sido apresentado em concursos anteriores sob tema livre. Foram apresentados vários trabalhos de grande valor, é verdade, mas de um modo geral, em conjunto, não atingiu esse concurso o nível a que os anteriores já nos haviam acostumado. Em seguida pôs em discussão o primeiro trabalho da noite.

1.º Trabalho: "**MURMURIO**"
de Ivo F. da Silva

Dados técnicos: Ap. Rolleiflex — filme Kodak Super XX, francês; f:8, velocidade 1/100, com filtro amarelo médio. Hora: 10,30, com sól meio nublado.

AUTOR: Expõe que a sua intenção ao executar a fotografia, como se denota pelo

título, foi traduzir o encontro das pequenas e mansas ondas que se espraiam sobre a areia e que, colidindo com a água que retorna produz um ruído leve e peculiar.

H. PERNA — Indaga qual a razão que levou o autor a usar o filtro amarelo.

AUTOR — Afim de obter melhor rendimento, contraste e detalhes entre o branco da espuma e o fundo de areia, escuro.

H. PERNA — Julga pouca a velocidade de 1/100 empregada pelo autor ao colher tal assunto, o que produziu um empastamento na espuma proveniente do movimento da água.

AUTOR — Crê que com maior velocidade, 1/500 p. exemplo, o resultado seria uma “congelção” do movimento e dessa forma não obteria o fim por êle visado.

ORIENTADOR — Interrompe a discussão, esclarecendo que o uso de filtros e a questão da representação de “movimento” já foram objeto de seminários anteriores, pelo que sugeria girasse a análise sob o ponto de vista estético ou emotivo que o trabalho pudesse apresentar.

A. SOUZA LIMA — Elogia e considera ótima a interpretação do tema do mês, como o autor se propôs, principalmente apresentando um conceito de “marinha” absolutamente fotográfico, fugindo ao convencionalismo pictórico que geralmente observamos ao ser tratado tal tema. Só a fotografia, acrescenta, pode traduzir uma “marinha” no pequeno detalhe de que se serviu o autor e oferecendo tal resultado. Considera a composição do quadro bastante acertada e as pequeninas sombras da espuma, sobre a areia no fundo, são leves toques enfeitando o conjunto e completando a intenção do autor, que julga traduzida com felicidade.

ORIENTADOR — Corroborando as palavras de Souza Lima, faz considerações sobre os dois modos de interpretação: sob o aspecto do SER e sob o da FORMA. O autor, interpretou o mar como um SER, considerando-o provido de alma, de vida. Compara o mar com uma pessoa que possui variedade de reações e cuja “linguagem” também desperta variadas reações ou emoções. Assim, p. ex., no seu caso pessoal, não “sente” o que o autor quiz traduzir, pois aprecia e compreende mais o mar em sua apresentação bravía; mas, isso, friza, é questão de gosto pessoal.

A. SOUZA LIMA — Os aspectos bravios do mar, com efeito, mais facilmente despertam emoções e por isso são mais comuns. O mar, como “**murmurio**” é mais ameno e por isso mesmo mais subtil e mais difícil de ser representado.

ORIENTADOR — Cousas comuns podem se apresentar superiormente.

E. SALVATORE — Manifesta-se apenas em parte de acôrdo com Souza Lima e Polacow. A ideia do autor é realmente boa; o ponto de vista sob o qual o autor encarou e quiz traduzir o mar é original e expressivo. Entretanto, a seu ver, ao trabalho falta realização, falta exatamente “qualidade fotográfica”. A representação da espuma é deficiente, empastada sem dúvida; por outro lado, as sombras dos traços de espuma são aparentemente inexplicáveis e só a poder de raciocínio e dedução é que o observador poderá concluir que existe água transparente sobre a areia escura e que no momento da tomada havia luz, sól. Falta textura, não se “sente” o elemento líquido nem o movimento capaz de traduzir o **murmurio** pretendido pelo autor. O mérito do trabalho está mais na sua concepção do que na realização que considera fotogrâficamente falha.

AUTOR — Discorda. Sua intenção foi a de apresentar e traduzir um **momento** do mar. O aparelho gravou o que viu.

C. CARDOSO — Concorde plenamente com Salvatore. A chapa gravou o que o aparelho viu, mas não o que o autor “sentiu” e quiz transmitir, e é preciso dominar o aparelho para conseguir tal cousa. Opina em que o autor não obteve o necessário rendimento devido a iluminação ser já alta e também pelo ângulo de tomada. Alguns pontos brilhantes dariam melhor tradução do elemento líquido.

A. SOUZA LIMA — A seu ver a crítica de Salvatore é um pouco severa, pois não obstante haver, de fato, certa deficiência na representação da água, a fotografia exprime com acerto a intenção do autor.

ORIENTADOR — O fato de não se identificar de pronto a água, principalmente na porção mais escura do trabalho, não lhe tira o mérito. A maior identificação é quasi sempre questão de comodismo por parte do observador. Não ha depreciação pelo fato de o trabalho exigir atenção e interpretação mais laboriosa e profunda. Uma vez que o trabalho foi interpretado, atingiu seu objetivo.

E. SALVATORE — Assim é, em tése, e especialmente nos trabalhos puramente subjetivos ou abstratos. No caso especial em exame, porém, um maior realismo, u’a definição mais acurada do motivo somente poderia melhorar o trabalho e contribuir para mais expressivamente traduzir a ideia do autor.

ORIENTADOR — Encerra os debates, louvando o esforço do autor e passa ao segundo trabalho.

2.º Trabalho — "6 DA MANHÃ"
de Jean Lecocq

Dados técnicos: Ap. Rolleiflex — filme Kodak Plus-X, americano; f:3,5 com 1/50 — sem filtro — hora: 6,30, em Luzern, Suíça.

AUTOR — Explica como tirou a fotografia, impressionado pela delicadeza do assunto. Utilizou apenas parte do negativo, pois era difícil atingir a posição que desejava para enquadrá-lo; pelo "corte" eliminou os elementos superfluos.

E. SALVATORE — Elogia o trabalho que, acrescenta, impressiona pela simplicidade dos elementos utilizados; pouquíssimos, — apenas o hiato, seu mastro esguio, e a grama do primeiro plano, — o trabalho é um bom exemplo de como se pode fazer um quadro expressivo, com quasi um único elemento. É um bom exemplo para o tema de um dos próximos concursos, que versa exatamente sobre "Simplicidade". Ressalta ainda a excelente tradução de atmosfera e a suavidade com que foi o trabalho tratado quando da ampliação.

A. MORAES BARROS — A seu ver, o capim do primeiro plano perturba um pouco a composição. Preferia um corte mais acima, eliminando esta parte também.

AUTOR — Parece-lhe, ao envez que o capim, quebra de certa forma a monotonia

que o trabalho apresentaria se fizesse o corte conforme sugere o colega.

C. PUGLIESE — Apoiá e corrobora a opinião do autor, considerando de importância capital o primeiro plano formado pelas folhas de capim, bem enquadradas e dando maior profundidade ao quadro. Profundidade esta ainda mais acentuada pela neblina produzindo um fundo "infinito". As pequenas ondas, deslizando obliquamente, acentuaram ainda mais a feliz composição do quadro.

I. F. SILVA — Indaga se o emprego de papel de tonalidade mais clara ao envez do papel levemente creme empregado pelo autor, não acentuaria a atmosfera nebulosa e fria.

ORIENTADOR — De fato, para assuntos como esse, geralmente usa-se papel de tonalidade fria; acentua, entretanto, que o autor obteve esplêndido rendimento com o papel que usou e que de certa forma deu mais efeito ao trabalho. Talvez fosse interessante uma comparação com outra ampliação feita em papel branco.

A. FLORENCE — Faz considerações sobre o emprego de vários tipos de papel, de forma a interpretar melhor o assunto fotografado; elogia o trabalho e o rendimento obtido, bem como a simplicidade da cena proporcionando um belo quadro.

"6 DA MANHÃ"
Jean Lecocq



A. SOUZA LIMA — Analisa o trabalho quanto á sua composição. Julga-a perfeita, com o seu ponto de interêsse locado exatamente no ponto de intersecção das linhas (imaginarias) de divisão do quadro, segundo as regras de composição. Corte muito equilibrado, portanto, com áreas bem proporcionais. A primeira linha curva formada pelo capim á direita, é de muita importância e nos guia ao ponto de maior interêsse. As marolas em pequenas linhas obliquas, provocam vitalidade quebrando a rigidez das linhas mestras horizontais e verticais, sem o que o quadro poderia parecer um tanto monótono.

ORIENTADOR — Encerra os debates cumprimentando o autor e passando ao terceiro trabalho da noite.



3.º Trabalho — "PRELUDIO" de Eduardo Salvatore

Dados técnicos: Ap. Super-Ikonta, 6x6; obj. Tessar 1:2,8 — f:8, com 1/100, filtro verde-amarelo — Filme Kodak Plus X, francês, Hora, 11,30 da manhã.

AUTOR — Colheu a cena em Recife, praia da Boa Viagem, no momento em que estava prestes a desabar violenta tempestade. Impressionou-o vivamente a cena, com o céu tumultuoso com nuvens escuras, muito carregadas, de vez em quando cortadas por leves raios do sol. Esperou um destes momentos para colher o negativo. Na ampliação acentuou o efeito, "queimando-a" um pouco, afim de melhor traduzir a impressão que teve no momento da tomada, e dar maior dramaticidade á cena.

Sra. ESTELA — Aprecia a fotografia, em seu todo, embora a ache um tanto pesada, quasi tétrica mesmo, como que num cataclisma.

I. F. SILVA — Considera o céu muito artificial. A seu ver existe contradição entre as nuvens tão carregadas e seus reflexos a areia molhada da praia, considerando o horizonte excessivamente carregado.

A. FLORENCE — Discorda, e afirma que a reflexão é exata, pois existem nas nuvens pontos claros que assim forçosamente teriam de se refletir.

AUTOR — Esclarece que a ampliação não é do negativo total, pois neste existe ainda mais céu. Quanto ao horizonte, êle se apresentava realmente carregado e como raramente havia presenciado; no momento da tomada do negativo a tempestade caia apenas no horizonte. Soube, depois, que nuvens tão escuras são comuns no norte do país, com tempestades passageiras, semelhantes á que fotografou.

F. ALBUQUERQUE — Como nortista que é, corrobora a informação do autor e diz que o quadro traduz um momento da natureza com grande intensidade. Julga a apresentação excepcional e não vê como o autor poderia melhor transmitir sua emoção a não ser com a execução que deu, acentuando o dramatismo da cena.

G. MALFATTI — Elogia o trabalho, acrescentando que a marinha reflete o estado emocional do autor. Só quem lá esteve ou conhece o ambiente pode aquilata-lo perfeitamente mas de qualquer forma o quadro é sumamente sugestivo. Sugere que o autor abraque ainda mais os pontos mais claros das nuvens.

F. ALBUQUERQUE — Lembra que muitos artistas denominados "puristas", ainda pensam que o quadro deve ser apresentado através do negativo tal qual é na realidade, sem nenhuma interferência pessoal do autor para acentuar ou atenuar ou ainda modificar seu efeito geral ou certos detalhes. Entretanto, afirma que essa interferência deve haver, em determinados casos, como p.ex., no quadro de Salvatore, desde que isso o auxilie na representação do seu estado emotivo ou do que pretende sugerir.

AUTOR — Exibe uma cópia do trabalho, em papel mais suave e sem os contrastes da primeira. A seu ver, esta segunda cópia mais cinzenta, transforma aquela revolta dos elementos numa cena de chuva muito mais banal e muito menos emotiva.

— Manifestam-se, vários dos presentes, opinando em que, de fato, a primeira cópia é bem mais sugestiva.

A. S. VICTOR — A seu ver existe grande divergência no trabalho se o observarmos separadamente, abaixo e acima da linha do horizonte. A parte inferior é romântica, calma, agradável, enquanto que a parte superior é tenebrosa, revôlta, violenta, e isso ocasiona-lhe dúvidas na interpretação do trabalho. Parece-lhe uma contradição e é levado a pensar que o autor usou dois negativos. Crê que se houvesse um elemento de ligação entre as duas partes, p.ex., um barco com pescadores (lembra uma fotografia de K. Patél exibida em nosso salão) haveria maior harmonização entre as duas partes.

ORIENTADOR — Salaria a acuidade da observação de Victor, exprimindo ter sentido a mesma dúvida.

AUTOR — Informa tratar-se de um único negativo e não uma foto-montagem.

Sra. MENHA POLACOW — Não vê tal cousa e acrescenta que as praias do nordeste apresentam de fato, por vezes, esse aspecto aparentemente contraditório e a própria

Continua na pág. 23

"PRELUDIO"
Eduardo Salvatore





"EM REPOUSO"

Gaspar Gasparian

(Do Concurso Interno de Fe

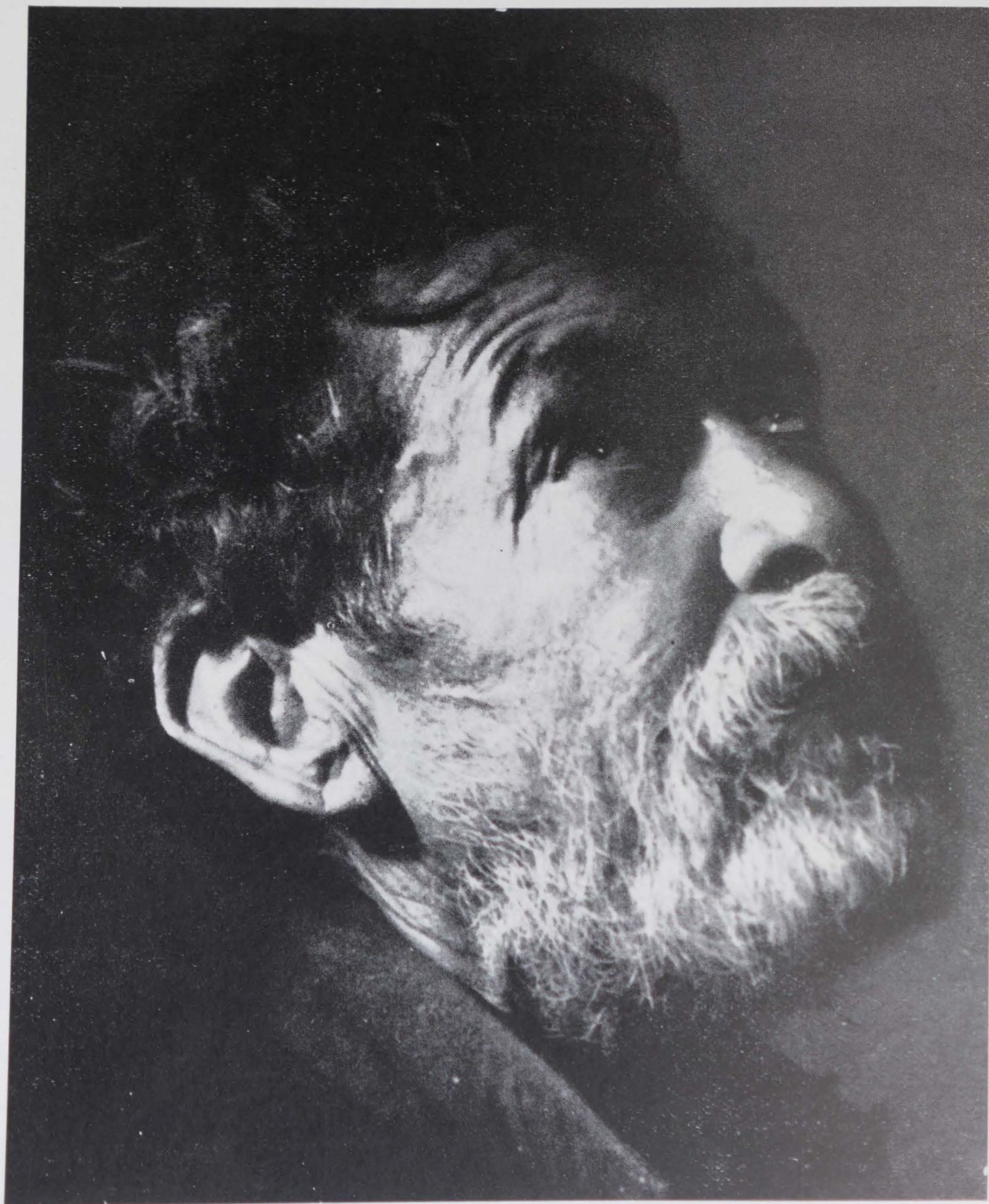
"PROA"
Vittorio Micheletti



vereiro)

"SENHOR... PORQUE ME ABANDONASTE?"

Joaquim S. Vianna



A Cinematografia nos Colégios Norte Americanos

Exclusividade do USIS para o
BOLETIM FOTO-CINE

Por Robert GESSNER

Este artigo foi publicado em "Films in Review", revista mensal editada nos Estados Unidos pela National Board of Review of Motion Pictures. Seu autor é o primeiro professor de cinema nos Estados Unidos, diretor do Departamento Cinematográfico da Universidade de Nova York. — A publicação deste trabalho foi concedida com exclusividade para o nosso "Boletim", graças à gentileza do Departamento de Cinema do Consulado Geral Americano de São Paulo, a quem agradecemos.

Agora que a oitava arte está entrando em número cada vez maior de colégios e universidades dos Estados Unidos é oportuno examinar os diversos métodos acadêmicos que estão sendo postos em prática. A pergunta que mais tem sido feita ao professor autor deste artigo desde 1935, quando o ensino de cinematografia foi introduzido na Universidade de Nova York, é esta: "Como se ensina cinematografia?"

Sendo a cinematografia um meio artístico ao mesmo tempo composto e verdadeiro, existem tantos ângulos de ataque quantos são os interesses especiais envolvidos. Há o processo do auxílio visual, empregando-se os filmes cinematográficos como meios de comunicação, o que é campo de ação do pedagogo preocupado principalmente com a metodologia da instrução. Um filme sobre geografia, por exemplo, pode suplementar ou auxiliar sua aula. Em seguida, deve-se considerar o cinema da cultura, onde com um filme e um projetor o sociólogo pode exemplificar os costumes estranhos e os padrões indígenas. Um trecho cinematográfico de um melodrama de Hollywood pode servir como estimulante para uma discussão sobre a juventude cheia de caprichos. Finalmente, surge a consideração da cinematografia como indústria, o que é domínio do economista, do engenheiro, do contador e do professor de Direito. Eles porém não se interessam pelo celuloide, mas pelas cifras, tabelas, contas de despesas e processos jurídicos.

Em um currículo ideal, todos os quatro métodos — como arte, como auxílio visual, como material socio-antropológico e como indústria — devem ser coordenados para que cada um deles suplemente o estudo dos outros três. A concretização dos ideais no processo educacional é coisa rara, como pode testemunhar quem quer que já tenha sentido a mão pesada das prerrogativas precedentes, mas o currículo perfeito deve ser o alvo de uma compreensiva escola de cinematografia. No Colégio de Artes e Ciências da Praça Washigton, em Nova York, foi criado em 1941 um Departamento de Cinematografia, que ministrava um curso de quatro anos em cujo currículo dava-se a máxima importância à teoria e prática, tanto analítica como criadora, da cinematografia como arte.

A matéria não é tão nova como poderiam supor os ingênuos. A cinematografia, derivada em parte de artes mais antigas, sintetiza e amplia as utilizações dessas artes. Como, por exemplo, poderia um estudante apreciar a câmara pictórica dos artistas Sergei Eisenstein e Robert J. Flaherty sem conhecer alguma coisa de pintura e escultura, como trampolins para uma composição fluida que afeta a linha, o espaço, a massa e a luz em movimento? A plena apreciação dos desenhos cênicos de um diretor tão variado quanto Cecil B. De Mille é auxiliada por certo conhecimento de arquitetura, mas de uma arquitetura que serve à continuidade e não à permanência, ao fluxo da ação e não à con-

servação estática de linhas limitrofes. A câmara móvel de artistas como Vittorio de Sica, em "Ladrões de Bicicletas" deve muito à dança ou à coreografia, no sentido de que os movimentos da ação, dos personagens, do local e da câmara são coordenados em uma nova projeção estética. A música, como a de Bernard Hermann em "Cidadão Kane", torna-se complementar como na ópera, independentemente dramática e não apenas como ilustrações tonais. O drama "Hamlet" de "sir" Lawrence Olivier foge do palco, eleva-se tanto para dentro, quando o balcão é trazido até a frente do palco, como para fóra quando as cadeiras da orquestra são arrastadas através dos bastidores para as frescas brisas da natureza ou para uma cena interior em outra época e outro lugar. Finalmente, a literatura, provavelmente a verdadeira irmã por afinidade da cinematografia, adquire em um filme como "O Morro dos Ventos Uivantes" olhos e ouvidos para ver e ouvir a história, além de imaginá-la.

O desafio inerente à essa coordenação e exploração sobrecarrega o professor neófito talvez mais do que na inauguração de qualquer currículo de uma forma de arte mais antiga e mais simples. Muitos podem ouvir o chamado do púlpito cinematográfico, mas pouquíssimos sentirão a mensagem evangélica.

O característico derivativo da cinematografia necessita do desenvolvimento de um padrão original de estética e técnica. Aristoteles pedia uma unidade ortodoxa de tempo, lugar e ação, que o drama shakespeareano violou em resposta a uma crescente consciência de horizontes nacionais novos e pessoais. Os primeiros filmes de D. W. Griffith eram tão abafados quanto os "tableaux" pré-elizabetheanos, mas Griffith chefou a revolta contra as restrições de um teatro que êle amava, atendendo a uma noção de tempo e espaço do século XX. Em certo sentido, a necessidade de nossos tempos é a mãe da cinematografia, cuja invenção e desenvolvimento tornaram-na capaz de, mais do que qualquer outra forma de arte, capturar e retratar, interpretar e projetar a rapidez e as sutilezas de nossa época. A cinematografia é uma forma de arte com tempo e espaço. "The Birth of a Nation"

ainda nos ensina sobre os "sentimentos" da Guerra de Secessão entre os Estados norte-americanos mais do que qualquer outra obra de arte e "Intolerance" continua adiantada sobre sua época, como uma entusiástica defesa das Nações Unidas. E o clássico "Cidadão Kane" oferece mais americanismo do que a Bibliotéca do Congresso dos Estados Unidos.

Provavelmente, nenhuma outra arte sofre tanto quanto a cinematografia os efeitos da confusão analítica, o caos que resulta da ausência de critérios comprovados. Há a necessidade acadêmica de uma classificação de tipos e formas.

O método pedagógico, como em terrenos semelhantes, é puramente acadêmico ou funcional. O primeiro é o mais tradicional e tem a duvidosa vantagem de não precisar por em prática a teoria. O academicismo puro interessa-se pelos filmes cinematográficos somente depois de terem eles chegado à tela, atitude acadêmica que em Sorbonne, famosa universidade da França, é chamada com bastante originalidade de "psicologia do cinema".

O método prático é tão variado quanto o lastro cultural dos instrutores, mas pode ser dividido em quatro grupos: literário, teatral, técnico e cinematográfico. A liberdade de narrativa no tempo e no espaço existente no romance é o que mais se aproxima da qualidade não visual dos filmes cinematográficos, o que explica porque romances como "E o Vento Levou" e "Farrapo Humano" proporcionam as melhores adaptações. O professor de arte dramática que entre neste terreno tem as vantagens teatrais da dramatização do argumento e dos personagens, da montagem de uma peça, dos papeis dos atores. Devido a essas qualidades uma peça poderosa como "The Heiress" torna-se na tela um forte drama.

O instrutor técnico é limitado, a menos que relacione a fotografia com o conteúdo dramático e literário. O mecanismo da câmara, da iluminação, do corte é essencial à linguagem cinematográfica, mas o técnico é capaz de ser tão mal ajustado quanto um professor de declamação ensinando arte dramática. É útil ao arquiteto conhecer o trabalho de encanamento e car-

pintaria, mas soalhos e banheiros não fazem um edifício. "Portrait of Jennie", entre inúmeros outros, é um exemplo de virtuosismo vazio.

O método cinematográfico não apenas combina a técnica com o teatro e a literatura, mas cria do todo uma autoridade indígena, uma raridade como "O Tesouro de Sierra Madre". Embora a experiência pessoal do autor deste artigo favoreça essa combinação do cinematográfico com o acadêmico, evidentemente não existe rota exclusiva para a classe de cinematografia. Em nenhum outro setor, a teoria e a prática podem levar a aventuras tão excitantes, num momento em que a praia onde embarcamos ainda se encontra à vista. Afinal de contas, os criadores do cinema de amanhã estão em algumas das salas de aula de hoje. (USIS) (MR-970)

CONCURSO INTERNACIONAL DE FILMES AMADORES DA U.N.I.C.A.

Como já foi noticiado, o Clube está recebendo para classificação, quaisquer filmes de amadores, em 8, 9,5 ou 16 mm., de qualquer gênero e metragem, afim de serem regularmente inscritos na representação brasileira que irá figurar no próximo concurso internacional de filmes amadores, patrocinado pela Union International du Cinéma d'Amateur, da qual o Foto-cine Clube Bandeirante é representante no Brasil. Esse concurso será realizado no mês de agosto próximo e os filmes deverão estar em nosso poder até 31 de maio p. futuro, para serem julgados. Outras informações poderão ser obtidas junto à Secretaria, à rua Avandava, 316.

"INSTANTANEOS"

Deverá estar em S. Paulo, em meados do próximo mês de abril, o Dr. MAURICE VAN DE WYER, figura de larga projeção nos meios artísticos-fotográficos internacionais, ocupando, desde 1949, o elevado cargo de Presidente da "Fédération Internationale d'Art Photographique" (F. I. A. P.) onde se tem destacado por suas iniciativas animando sobremaneira o intercâmbio e as relações de amizade entre os povos de todo o mundo através da fotografia. O F. C. Bandeirante, em dia a ser oportunamente anunciado, prestará ao ilustre visitante as homenagens a que faz jús.

No próximo dia 28 de abril o Foto-cine Clube Bandeirante verá transcorrer o 12.º aniversário de sua fundação. Um programa comemorativo da grata efeméride está sendo carinhosamente organizado pela Diretoria, ao qual não faltará, por certo, a já tradicional excursão-almoço de confraternização social que todos os anos reúne várias dezenas de associados e pessoas de suas famílias.

Seminário de Arte...

Cont. da pág. 16

natureza nos apresenta, comumente, quadros dos mais contraditórios e surpreendentes. O autor colheu muito bem um desses quadros, traduzindo com muita felicidade aquele instante fugidio.

AUTOR — Com referência á observação de Victor, lembra que se houvesse no quadro, um barco de pescadores, a fotografia que êle tiraria seria outra, de um motivo completamente diferente, e não o que quiz apresentar.

I. F. SILVA — Julga a fotografia de certa forma enganosa, pois aparenta mais um crepúsculo ou noturno, e não uma cena colhida na hora indicada pelo autor.

F. ALBUQUERQUE — A hora em que foi colhida a fotografia em nada lhe altera o valor e a sua força expressiva, e nenhuma importância exerce no caso, pois vê-se que o autor não quiz dar a impressão de alvorada, ou ocaso, e sim colher apenas um esplêndido momento da natureza.

ORIENTADOR — Dá o debate por encerrado e com êle o seminário, pois a hora já era adiantada.

Aperfeiçõe-se na arte fotográfica, ingressando no Foto-cine Clube Bandeirante

Uma Exposição Individual

O título deste artigo parece, a primeira vista, um tanto vago. Apreciando-se, todavia, a exposição de trabalhos de **Guilherme Malfati**, aberta nos salões de nosso Clube, de pronto compreendemos seu verdadeiro significado. Malfati é sobremodo individual. Por individual, queremos dizer, a expressão puramente subjetiva que procura imprimir em seus trabalhos e não a tola tendência, por vezes encontrada, de mostrar-se original através patentes aberrações estéticas ou descabidas escolhas de motivos absurdos.

Malfati é simples em seus motivos, mas, nesta escolha aparentemente banal, demonstra o seu aprimoramento artístico exprimindo, em cada imagem, um sentimento humano, um estado de alma, uma reação psíquica.

Seus trabalhos, à mente menos acuidada, parecerão desprovidos de qualquer interesse, pois nada tem de espetacular, de popularesco, de extravagante; tem isto sim, de sutil poesia, de emoção, de intelectualidade.

Se, por vezes falha em algum dos setores de nossa arte, esta perda se compensa pelo poder expressivo ou interpretativo.

Examinemos algumas de suas obras:

Figura do Pôrto — Figura simples de um rosto de mulher, mas quanta psicologia na interpretação do tipo. A perfeita unidade com o ambiente (note-se que também aqui se revela a sutileza do autor: nada de mares, de navios, de cordoalhas; não, simples amurada de pedras lembrando um quebra-mar), a expressão perdida do olhar daquela que sofrendo, perdeu as ilusões e tornou-se má. Lembro o poeta "ha qualquer cousa de mal nessa pupila garça".

Gobelim — Também aqui uma paisagem simples. Um riacho brincando entre pedras no fundo de um vale de verdura. Só. E as figuras — não existem. Existe, isto sim, a emotividade que as dominou. A quietude, a placidez, a poesia da natureza não perturbada pela insignificância humana.

Os planos se perdem na névoa até um longínquo horizonte levemente insinuado.

É como se dissesse: Lá longe o mundo dos homens — aqui, a verdura paradisíaca.

É curioso notar, neste trabalho, o interessante aproveitamento da linha do Hoggarth não determinada mas, simplesmente insinuada pela própria planificação.

O Desconhecido — Aqui, Malfati apresenta o que poderíamos chamar de interpretação psíquica do drama. A sombra de um homem projeta-se sobre a rude superfície de uma pedra. E porque o drama? Porque este homem é máo e sua sombra traduz, a aspereza do ambiente, a dureza de sua alma. E onde se vê tudo isto? Não se vê, se sente. É a fôrça imponderável que feriu a sucutilidade do autor e que este conseguiu traduzir, talvez imponderavelmente, através do primitivismo crú de seu quadro.

Formas na Pedra — Encontramos agora um trabalho puramente abstrato. Malfati fotografou pedras. A forma é bela? Não. O rendimento fotográfico é esplêndido? Não. A composição é perfeita? Não. Interpretou um sentimento, uma emoção ou nos transmitiu uma mensagem? Ainda uma vez, não. Mas o que há então? Existe a curiosidade do jogo de leves sombras que ao serem observadas se modificam, se transformam, se revelam em formas que se multiplicam.

Podemos dizer que não existe conteúdo formal definido. É multiforme.

Tais alguns dos pontos fortes do conjunto apresentado por Malfatti. Vemos, pelos poucos exemplos citados, que este veterano de nossa fotografia, vem acompanhando a evolução desta arte sem as peças convencionais dos primórdios.

Não existem concepções extraordinárias, arrojos interpretativos ou magnificências técnicas. Não; Malfatti é simples e assim sua exposição, onde domina a pureza e a delicada sensibilidade de suas mensagens.

Congratulamo-nos com o autor pelo êxito que, estamos certos, irá coroar sua realização e rogamos vênias para lembrar aos nossos outros veteranos o esplêndido exemplo. Eles serviram de esteio ao grande desenvolvimento de nossos amadores e de nossa arte. Toda esta plêiade de novos e promissores elementos gostariam de apreciar as obras que construíram nossa Fotografia: as suas obras. Nelas teríamos uma visão retrospectiva de nossa ascensão e muitos ensinamentos ainda se poderiam auferir. Aguardemos os seguidores da bela iniciativa de Malfatti.

Aldo A. de Souza Lima



“FIGURA DO PORTO”

Guilherme Malfatti

(Da Exposição Individual na sede do F. C. B.)



A Exposição de Annemarie Heinrich foi um dos acontecimentos artísticos mais destacados deste princípio de ano. Nos clichês vemos a renomada artista ao ingressar na sala da mostra em companhia do casal E. Salvatore e um recanto do Salão, momentos após a inauguração.

Annemarie Heinrich em São Paulo

Anunciada com alguma antecedência, a exposição de Annemarie Heinrich, a conhecida e renomada artista-fotógrafa da Argentina que ainda recentemente havia obtido grande êxito na Europa, conquistando também o 2.º Prêmio no Festival Internacional de Fotografia em Côres de Turim, Itália, é aguardada pelos círculos fotográficos paulistanos, com indisfarçável ansiedade.

A festejada intérprete foi, porém, ainda mais longe. Não se limitou a nos enviar os seus trabalhos. Num gesto que sobremodo nos cativou e demonstrando o alto apreço em que tem o público paulistano e o Foto-cine Clube Bandeirante quiz ela própria trazer, pessoalmente, os trabalhos que compuzeram a esplêndida mostra inaugurada na noite de 17 do corrente, no Museu de Arte, gentilmente cedido por sua Diretoria.

E Annemarie não veio só. Com ela veio também seu esposo, Sr. Alvaro Sól, conhecido escritor e crítico de arte do grande país amigo e vizinho. Foram assim os paulistanos e especialmente os bandeirantes, duplamente brindados: com uma das mais belas mostras de fotografia artística já realizadas entre nós e com os momentos de encantamento espiritual proporcionados pelas personalidades sugestivas e atraentes dos ilustres visitantes.

Da mostra de Annemarie que podemos dizer, senão que confirmou plenamente os conceitos já emitidos pelos mais exigentes críticos especializados, um dos quais a considerou, com razão, "uma das mais sensíveis objetivas do nosso tempo"!

E quanto às pessoas de Annemarie e Alvaro Sol, conquistaram de pronto, por sua simpatia, vivacidade e afabilidade, quantos com eles tiveram con-

As Sras. A. Souza Lima, Fr. Albuquerque e J. Polacow analisam a esplêndida mostra de Annemarie Heinrich, no Museu de Arte. 2 e 3 — Flagrantes tomados por ocasião da visita de Annemarie ao F. C. Bandeirante, em paléstra, respectivamente, com F. Albuquerque e M. Morales Fº.





Durante sua estadia em S. Paulo (pena que foi tão curta) Annemarie e s/marido, o escritor e crítico cinematográfico Sr. Alvaro Sol, visitaram os pontos mais pitorescos de nossa Capital, entre os quais o Parque e Monumento do Ypiranga e o Instituto do Butantan. Neste último, Annemarie teve ocasião de registrar as fases de emocionante luta entre a forte mussurana e uma venozíssima jararaca e ouviu do Dr. Wolff explicações sobre as terríveis aranhas cujos exemplares vivos ele manuseia com inteira familiaridade...

tacto. Foi com tristeza que vimos, ao cabo de poucos dias, retornarem á sua patria, esses companheiros de ideal que conquistaram também os nossos corações como, com sua arte e cultura já haviam antes conquistado a admiração do mundo.

Aos ilustres visitantes, o Foto-cine Clube Bandeirante ofereceu, na tarde de 19, em sua séde social, um cocktail ao qual, como na cerimônia de inauguração da exposição, no Museu de Arte, compareceu grande número de associados e elementos de projeção dos nossos meios artísticos e sociais, além de representantes das altas au-

toridades estaduais e municipais, entre as quais anotamos os srs. Cap. Nilson Avelar, Repte. do Exmo. Sr. Governador do Estado, Cap. Plinio Uvaldo, Repte. do Exmo. Sr. Comandante da 2.^a Região Militar e Sr. Roberto Rosas Fernandes, Repte. do Exmo. Sr. Secretário da Justiça.

—●—

A exposição de Annemarie Heinrich e sua visita a esta Capital ficarão por certo inscritas como um dos mais expressivos acontecimentos nos anais do Foto-cine Clube Bandeirante.

CONT. NA PAG. 8

1 - Na terrace da séde social do F. C. Bandeirante, Alvaro Sol entretém-se em agradável palestra com os bandeirantes Claudio Pugliese, Manoel Morales F^o. e Cyro A. Cardoso. 2 - Ainda no Instituto do Butantan, um belo exemplar de cascavel é apresentado aos ilustres visitantes que ali tiveram, como cicerones, nossos consócios Waldo Paoliello e Feres Saliba, também integrantes do corpo técnico daquele famoso instituto científico.



Reforçando os pontos dos ii

JOSÉ OITICICA FILHO

2.^a P A R T E

Estatística ?

Entre as tolices que o Gomes de Deus escreveu e que a revista da S. F. F. publicou, é deveras lamentável o que o nosso G. de Deus chama de "estatística". Quero lembrar aqui ao G. de Deus que sou formado em Engenharia pela nossa ex-Politécnica, hoje Escola Nacional de Engenharia. Assim sei o que é Estatística. G. de Deus **colhe uns dados** dos catálogos dos salões Bandeirante, de um modo capcioso, sem o menor senso do que se chama em Estatística de **colheita de dados** e tira conclusões lá de sua cachola.

Ora, qualquer análise estatística sobre **juízo de salões** baseada em dados de catálogos, é falha por dois motivos principais:

1 — Raramente se sabe (e é o caso dos catálogos de S. Paulo e da S. F. F.) o total de trabalhos que **cada concorrente** enviou e o **total de concorrentes de cada clube**. O que se sabe é o número de **trabalhos aceitos** e o total de **concorrentes aceitos**.

2 — É impossível levar em conta nos dados estatísticos o fator psicológico, subjetivo, que vai na mente de **cada juiz** ao rejeitar ou não determinado trabalho.

Comentários sobre o motivo 1 — Vamos, baseados em tabelas numéricas, fazer "estatística á G. de Deus" e mostrar os absurdos a que tal tipo de "estatística" conduz.

Segundo a tabela publicada na primeira parte do presente trabalho e tirada de fonte insuspeita — o American Annual of Photography — mostrei que em três anos o total de trabalhos aceitos em salões Internacionais foi para os Bandeirantes de 1037 e para o pessoal da Fluminense (com Aszmann) foi de 270. Á moda do G. de Deus deveríamos concluir que o

"nível artístico do Bandeirante é mais de quatro vezes superior ao da S. F. F.". Claro que para os mais avisados a tabela não exprime nada disto, porém uma coisa é certa: o pessoal do Bandeirante está trabalhando com mais afinco e **enviando mais trabalhos** aos salões do que o pessoal da Fluminense e como ultimamente o **Bandeirante só envia 2 trabalhos de cada associado** conclui-se que há mais Bandeirantes trabalhando do que Fluminenses. Mas há algum mal nisso? Claro que não e competia à Diretoria da S. F. F., se mais atenta, se mais esclarecida, fazer da atividade patriótica dos Bandeirantes um motivo de incentivo para os seus e não vir com infantilidades pela sua revista.

Querem outra amostra de "estatística á G. de Deus"? Pois lá vai. Percorrendo a tabela da página 199 do American Annual of Photography para 1951, vê-se que eu tive trabalhos admitidos em 61 Salões Internacionais e não há outro brasileiro legítimo na lista, a não ser Aszmann (que não é brasileiro) com 22 Salões. A "la G. de Deus" o que concluir? Que eu sou o melhor fotógrafo do Brasil e que sou quase três vezes melhor do que o Aszmann. Claro que a conclusão é capciosa, errada e nada significa. Mas pergunto eu, não foi exatamente o mesmo que fez o G. de Deus na sua engraçadíssima "estatística" publicada levianamente pela revista da S. F. F.?

Quero aqui, de passagem, chamar a atenção que o mesmo se aplica aos comentários, sobre os Salões Norte Americanos, na carta de Malfatti, publicada pelo Boletim do Bandeirante de Julho de 1950, página 20. Referindo-se á esta carta, a revista da S. F. F., número 11-13, página 17, com ela concorda e diz textualmente que Malfatti demonstrou "alto espírito estatístico". Ora, o que não há na carta de Malfatti é Análise Estatística e as suas conclusões pecam pela base. Entre as várias

causas da grande aceitação de Americanos do Norte nos seus próprios Salões Internacionais está o **grande número** de estadunidenses que enviam trabalhos para os seus salões. No último período registrado pelo American Annual o número de exibidores Norte Americanos **aceitos** nos 101 Salões Internacionais foi de 475 e note-se bem **só os aceitos**. Nos 101 salões acima referidos apenas 36 foram nos Estados Unidos, deixando uma margem de 65 Salões Internacionais para salões estadunidenses.

Comentários sôbre o motivo 2 — Como pode, uma Análise Estatística, levar em conta o fator psicológico das reações individuais dos membros dos júris, de Salões de Arte, ante um determinado trabalho que lhes é apresentado para julgamento? Ao que eu saiba até agora isto não foi possível e assim, qualquer conclusão a respeito de resultados de julgamento, baseada em catálogos de salões ou quaisquer outras tabelas numéricas, não tem um sentido real.

Creio não haver dúvida nenhuma que as **reações estéticas**, de juizes de trabalhos de Arte, são individuais, não objetivas, dependentes de fatores vários, de cuja análise e enumeração não cuidarei aqui. Apenas, para exemplificar, ilustrarei o que foi dito acima com alguns exemplos bem elucidativos.

Como primeiro exemplo seja o meu trabalho, bem conhecido, cujo título é "O kiosque". Até o presente o referido trabalho já foi aceito em 78 Salões Internacionais. É portanto uma obra consagrada. Pois bem, houve alguns Salões nos quais "O kiosque" foi rejeitado, cinco, se minha conta não falha. Como saber, como adivinhar as reações dos juizes que não aceitaram "O kiosque"? Seguindo a moda da Diretoria da S. F. F. ou do G. de Deus eu deveria deixar de enviar trabalhos para os Salões que rejeitaram "O kiosque", pois por "uma interpretação de arte" eles rejeitaram uma obra, de minha autoria, já aceita em 78 outros Salões. Claro que nunca pensei em tal, pois tal modo de agir não tem a menor parcela de bom senso.

Como segundo exemplo seja o trabalho do Aszmann, denominado "Serpentina", trabalho também com prê-

mios, reproduzido em catálogos, inclusive em catálogo Norte Americano. Pois bem, no Salão Internacional de Washington, em 1950, assisti com surpresa, a rejeição unânime do trabalho citado de Aszmann. Que concluir? Que era um julgamento parcial? Absolutamente. Que os juizes eram ignorantes? Absolutamente, pois foram artistas conhecidíssimos nos círculos fotográficos internacionais. Quais pois as reações, dos três juizes, perante a obra de Aszmann? Incognita, que tabela numérica alguma poderá revelar.

E os exemplos poderiam se multiplicar a vontade. Todo exibidor conhece este fenômeno, de trabalho aceito, premiado em determinado salão e rejeitado em outro.

Assim, como falar de Estatística, como condenar **determinados salões**, sem levar em conta que não é o salão que julga os trabalhos, porém entes humanos, cada um com o seu ego próprio, cuja reação estética final será aceitar ou rejeitar o trabalho cujo julgamento lhe é pedido?

A razão da Fluminense

A vista do que disse acima, nota-se que a razão da Fluminense de não enviar trabalhos aos Salões dos Bandeirantes é deveras lamentável.

Na revista da S. F. F., número 17, 1951 (sem data do mês) páginas 4 e cinco, um autor Anônimo, dá as razões porque a Fluminense deixou de enviar trabalhos ao Salão Bandeirante. Qual a razão? Querem saber? Pois pasmem de espanto e de tristeza: porque os júris dos Salões Bandeirantes têm rejeitado trabalhos enviados coletivamente pela Fluminense!! Diz o autor Anônimo que os trabalhos são rejeitados "em massa", que "são fotografias premiadas em vários salões" e assim por diante, sem dados concretos de espécie alguma, **prejulgando o julgamento** que iria ser feito em São Paulo!!

Aqui vai um trecho do tal artigo para que o leitor julgue: "Não chegaremos ao ponto — longe de nós esta suposição — de classificar os júris paulistas de parciais, mas apenas por uma interpretação de arte". É bonzinho, não é... como tolice. Analisem

a frase, por favor: os juris não são parciais, porém rejeitam os trabalhos da Fluminense, apenas por "uma interpretação de arte". Mas, pergunto eu, como é que um juri aceita ou rejeita um trabalho? é ou não interpretando a mensagem de Arte que lhe foi enviada para ser julgada? É uma frase sem sentido, a frase acima do autor Anônimo. Porque? Porque no decorrer do seu artigo nota-se que a razão única da Fluminense é não aceitar o julgamento que os juizes Paulistas fazem dos trabalhos que a Fluminense para lá envia, isto é, porque o julgamento de S. Paulo não é como a Fluminense queria que fôsse. Esta é que é a verdade, apesar de triste, apesar de lastimável.

O autor Anônimo joga sôbre a Diretoria da S. F. F. uma grande responsabilidade, a de estar orientando pessimamente os seus associados que querem realmente trabalhar e concorrer a Salões Internacionais. Então o motivo de haver provas rejeitadas em determinado Salão (e sempre as há, em qualquer Salão) é motivo para que para lá não mais se enviem trabalhos?

Ao contrário, uma Diretoria bem avisada, deveria insistir com seus sócios para continuarem a enviar trabalhos, cada vez melhores, cada vez em maior número, até se imporem no determinado Salão. Lembro-me aqui, de um fato passado há tempos no Foto Clube Brasileiro. Numa das reuniões semanais um sócio pediu a palavra e verberando críticas feitas a trabalhos Brasileiros, na Argentina, pedia que os sócios do Foto Clube Brasileiro não mais enviassem trabalhos para lá. Repliquei imediatamente, dizendo que ao contrário, se crítica havia aos nossos trabalhos é porque assim os tinha achado o crítico em questão e o que nós deveríamos fazer era mandar sempre mais e melhores trabalhos para os Salões da Nação Irmã. E tenho hoje a satisfação de ver que a razão era a minha, pois os trabalhos dos Brasileiros são hoje bem aceitos e bem criticados nas revistas fotográficas da Argentina. O direito de crítica é livre, é um dos fundamentos da pura Democracia. Ao criticado compete tirar da

crítica que lhe é feita o melhor partido, aceitando-a ou não de acôrdo com as suas reações e concepções estéticas.

Uma Diretoria bem avisada deveria chamar a atenção de seus sócios para o fenômeno da rejeição de trabalhos, mostrando-lhes que a rejeição de trabalhos deve ser sempre esperada, em qualquer percentagem, levantando assim o ânimo de seus associados e lhes ensinando a **verdadeira ética** de exibidores de Salões de Arte.

E tudo isto é tanto mais lastimável quando se trata de um Salão Brasileiro, Internacionalmente conhecido. E assim a Diretoria da Fluminense, que tanto se vangloria de seu patriotismo, **apoia entre os seus sócios o boicote ao Salão Bandeirante**. Contra isto eu me revolto e lanço daqui o meu protesto veemente contra tais atos, que no final das contas, só fazem é enfraquecer o progresso da Arte Fotográfica no Brasil.

a) **José Oiticica F^o**.

NOVOS SÓCIOS

O Foto-cine Clube Bandeirante, na sua campanha de imprimir maior desenvolvimento á cine-fotografia nacional, vem de obter a adesão ao seu quadro social de mais os seguintes aficionados, aos quais desejamos boas vindas e votos de real progresso: inscrições ns. 826, Heinz Knoedgen; 827, Luiz Prudente Correa; 828, José Maria Assumpção; 829, Claudio Fouly, de Colatina, Espírito Santo; 830, Wolfgang Hohenlohe-Oehringen; 831, Olivio de Lucca; 832, Dr. Octaviano A. Gaiarsa, de Santo André; 833, Waldomiro K. Dias; 834, Berel Bin; 835, Edmundo Foccio; 836, Joaquim da Silva Mendes; 837, Andrés Araujo; 838, Ary Guaycurú de Carvalho; 839, Raymundo Mortari; 840, Alexander T. S. Jung; 841, Wenceslau Raszl; 842, Antonio de Oliveira Prado; 843, Heladio A. Candido Gomes; 844, Julio G. de Andrade Arantes; 845, Dr. Jayme Americano; 846, André Araujo, de Atibaia; 847, Renzo Augusto Guérin; 848, Newton Fiori; 849, Alberto Semin; 850, Dulce G. Carneiro, de Atibaia; 851, Elias Pedro Nasser, de Belém, Pará; 852, Adolpho Burdmann; 853, Dino Gondolo; 854, Luiz Bevilacqua; 855, Manoel Ferreira de Freitas e 856, Roberto Salgado Ferreira.

Os vencedores do Concurso "Estímulo"

Inaugurou-se no dia 10 de março, na sede social do Foto-cine Clube Bandeirante, a exposição dos melhores trabalhos inscritos no 1.º CONCURSO ESTÍMULO promovido pelo Clube

Conforme fôra estabelecido pela entidade promotora do inédito certame, destinou-se esse concurso a revelar nòvos e promissores valores da arte fotográfica, e assim, uma das condições estipuladas foi a de que o concorrente não pertencesse a nenhuma agremiação fotográfica nem houvesse ainda exposto em qualquer salão ou concurso.

Do magnífico êxito alcançado por essa proveitosa iniciativa, bem como quais os felizes vencedores dos valiosos prêmios ofertados pelas principais casas da cidade, já demos notícia detalhada em nosso último Boletim.

Queremos agora acentuar apenas o grande interesse que despertou a exposição dos 50 melhores trabalhos, selecionados entre as várias centenas que concorreram ao certame. Grande número de visitantes e interessados percorreram a exposição, durante os dias em que permaneceu aberta á visitação pública, tecendo os mais lisongeiros comentários sobre os trabalhos expostos, os quais vieram revelar o gráu de compreensão e adiantamento da fotografia entre os nossos amadores mais novos.

Abrindo a singela cerimônia de inauguração, falou o Dr. Eduardo Salvatore, Presidente do F. C. Bandeirante, congratulando-se com os vencedores e demais expositores e exortando-os a proseguirem no estudo da fotografia artistica, pois qualidades bastantes eles já revelaram nesses primeiros trabalhos que submeteram a concurso, restando agóra, apenas aprimorá-las.

Em seguida, sob grande salva de palmas foram entregues os prêmios ofertados, e os clichés ao lado (de alto a baixo) fixam os vencedores no momento em que os recebiam, a saber: André Carneiro, de Atibaia, 1.º prêmio; Renzo Augusto Guerin, 2.º prêmio; Newton Fiori, 3.º prêmio, o qual foi entregue pelo Sr. Pedro Zuppo, representante da Mesbla S/A, que o ofertou; Alberto Semin, 4.º prêmio, e finalmente a Srta. Dulce Carneiro, também de Atibaia, vencedora do 5.º prêmio, ao ouvir de nosso consócio Ciro Cardoso as primeiras explicações de como usar o aparelho que conquistou.



X.º Salão Internacional de Arte Fotográfica de São Paulo

Sua realização em Setembro proximo,
com carater comemorativo - Encerra-
mento das inscrições a 15 de julho

“Como es sabido por nuestros lectores, en San Pablo, Brasil, se realiza anualmente, uno de los salones de arte fotografico más extraordinarios de Latino America y que, por cierto, ha alcanzado un prestigio mundial. La iniciativa es concretada por el Foto-cine Club Bandeirante, institucion ejemplar en su genero, la que se distingue, entre otras muchas cosas, por el inagotable entusiasmo de sus asociados”. — CORREO FOTOGRAFICO SUDAMERICANO, n.º 605, de 1-Fev.-1949.

“C'est d'ailleurs là, que se tient chaque année le Salon, le plus important de l'Amérique du Sud du fait de la sévérité de la sélection et la qualité des travaux que y son exposés”. — PHOTO-FRANCE, n.º 5, março de 1951.

Sempre parcimoniosa e sévêra como soe ser a crítica especializada alienígena, as referências acima, extraídas de duas das mais prestigiosas publicações de fotografia, em épocas e lugares diferentes, dizem eloquentemente do alto conceito e prestígio de que goza o Salão de Arte Fotográfica de S. Paulo em todo o mundo. Como bem salienta um dos comentários, conceito e prestígio esses conquistados principalmente em virtude de seu alto nível artístico, pois a ele sòmente são admitidas obras de elevado teor e que denotam, por parte do autor, não apenas uma técnica apurada mas, acima de tudo, capacidade criadora, sensibilidade e temperamento verdadeiramente artísticos.

Sabedores disso, ao renomado Salão paulistano acorrem, todos os anos, os mais destacados artistas-fotógrafos de todo o mundo pois, a exemplo do que sucede com os mais tradicionais e importantes salões internacionais, a simples admissão de uma obra no Salão constitue, de per si, um verdadeiro premio.

Por seu lado, os organizadores do certame esforçam-se por manter e elevar sempre mais o renome conquistado e tudo faz crer que o próximo X.º Salão será um dos maiores e melhores já realizados, assinalando assim, de forma excepcional, a sua décima realização consecutiva. Grande é o entusiasmo que em torno dele se verifica. Tanto que, mal anunciado, e a 4 meses do encerramento das inscrições, mais de uma centena de trabalhos já se encontram inscritos na secretaria do Clube, provenientes da Alemanha, Bélgica, Africa do Sul, Australia, Egipto, Espanha, França, Dinamarca, Estados Unidos, Hungria, Holanda, India, Italia, Inglaterra, Luxemburgo e Japão, aguardando-se ainda, as representações das mais importantes entidades fotográficas de muitos outros países, habitualmente concorrentes ao salão paulistano, além das entidades nacionais, cujos progressos se acentuam cada vez mais, colocando a fotografia brasileira em posição das mais destacadas no mundo artístico-fotográfico.

A Seccão “Color” — Acentuando ainda mais o interêsse e a expectativa em torno do próximo X.º Salão, teremos este ano, ao lado da costumeira exhibição de fotografias em branco e preto, pela primeira vez, fotografias em cores, executadas pelos mais modernos processos. Terão assim, os aficionados e o público em geral, oportunidade de apreciar não apenas as já bastante conhecidas transparências, 35 mm. ou mesmo 6x6, mas também os transportes ou ampliações positivas em cores, executadas por processos múltiplos como Printon, Dye Transfer, Flexichrome e outros, ainda completamente desconhecidos entre nós. E' esta mais uma inovação e iniciativa, do Salão bandeirante que, por certo, alcançará o maior êxito e resultará em grande benefício para os nossos estudiosos.

Medalhas comemorativas — Sendo esta a décima realização consecutiva do Salão de Arte Fotográfica de São

Atividades Fotográficas no País

Foto Clube Brasileiro

A veterana associação carióca vem de eleger a Diretoria que regerá os seus destinos no ano corrente e que ficou assim constituída:

Presidente Perpétuo - Nogueira Borges; Vice Presidente - Clovis de Brito; Secretário - Lycio de Faria; Tesoureiro - Fabio de Mello Tancredi; Diretor Técnico - Luiz de Almeida Josephson; Diretor do Departamento Feminino - Arnaldo Lanzetti Ayres e Di-

Paulo, deliberou a Diretoria do F. C. Bandeirante, dar-lhe caráter comemorativo e para tanto, mandou cunhar medalhas especiais que serão ofertadas a todos os expositores do X.º Salão, como recordação do auspicioso acontecimento.

O REGULAMENTO — Obedece o regulamento do Salão, em ambas as secções, ás normas recomendadas pela FIAP e pela PSA e internacionalmente adotadas. Damos a seguir, para orientação dos interessados, um resumo dos principais itens, a saber:

— cada concorrente poderá inscrever até 4 fotografias em cada secção — branco e preto e "color" — executadas por quaisquer processos fotográficos.

— na secção "branco e preto" as provas deverão ter o tamanho mínimo de 24 cts. do lado menor e máximo de 50 cts. do lado maior. Na secção "color" poderão ser inscritas desde transparências de 35 mm. ou maiores, como cópias positivas (por processos exclusivamente fotográficos, não se admitindo fotos coloridos á mão). As de tamanho de 35 mm. até 6x6, serão projetadas e as maiores exibidas em painéis especiais, enquanto que as cópias positivas deverão ser montadas, como as cópias em branco e preto, em cartolina branca ou creme de 35x50 ou 50x70 cts..

— Os concorrentes da Capital deverão enviar seus trabalhos já montados. Apenas os concorrentes de fóra de S. Paulo é que deverão enviá-los sem montagem e pelo correio, como "Impressos".

— Serão cobrada a taxa de inscrição de Cr\$ 30,00 por autor, em cada secção, qualquer que seja o número de trabalhos inscritos.

— A todos os concorrentes será enviado (grátis) o catálogo do Salão e as etiquetas relativas aos trabalhos admitidos.

Os boletins de inscrição e regulamento já estão sendo distribuídos pelas principais casas de fotografia da cidade, podendo também ser solicitados, bem como quaisquer outros esclarecimentos, á Secretaria do Focine Clube Bandeirante, R. Avanhadava 316, S. Paulo, Brasil.

retora Social - D. Herminia de Mello Nogueira Borges. Como se vé, está de parabens o F. C. B. cuja direção está entregue a uma equipe com conhecimentos profundos dos problemas clubísticos e da Arte Fotográfica. Aos componentes da nova Diretoria, as nossas felicitações e votos de próspero mandato.

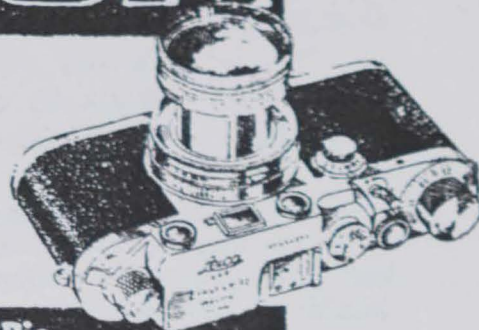
Sociedade Sergipana de Fotografia

Tendo se afastado, por motivo de viagem, o Dr. José Pereira de Miranda Junior, do cargo de Presidente da prestigiosa S. S. F., foi conduzido, por eleição, ao elevado cargo, o Dr. Celso Oliva, até então, Secretário da Entidade. Tais alterações motivaram uma reestruturação da Diretoria que passou a ser constituída do seguinte modo: Presidente - Dr. Celso Oliva; Secretário - José da Fonseca Sobrinho; Tesoureiro - Hugo Ferreira da Silva; Diretor Fotográfico e Cinematográfico - José Apostolo de Oliveira Neto; Diretor Social, de Propaganda e Publicidade - Carlos José Cabral Duarte.

A Sociedade Sergipana de Fotografia conquistou merecidamente a nossa simpatia e admiração pela evolução ininterrupta que vem demonstrando, fiel ao espírito associativo e propugnando pelo constante aperfeiçoamento da Arte Fotográfica em nosso País. Registramos, pois, com muito desvanecimento, o áto da Assembléia Estadual de Sergipe, aprovando o projeto do Deputado Seixas Dorea que considera essa agremiação, de utilidade pública. Regosijando-nos com o acontecimento, cumprimentamos e felicitamos os nossos companheiros de Sergipe por essa brilhante vitória.

LEICA

a câmara universal da mais alta precisão.



KLEINER & CIA. - Rio

Rua Teófilo Ottoni, 89 - Caixa Postal 4504

O BANDEIRANTE NO EXTERIOR

Continuam os bandeirantes sendo bem sucedidos nos vários salões internacionais de que participaram no ano de 1950, conforme se verifica dos catálogos que vimos de receber. Para conhecimento dos interessados, damos abaixo os resultados de mais os seguintes salões:

26.º SALÃO DE ZARAGOZA, ESPANHA -- Figuraram 20 bandeirantes com 22 trabalhos, a saber: F. Albuquerque, com "Tensão"; F. B. M. Ferreira com "Veleiros"; M. Fiori, com "Promenade"; G. Gasparian com "Visão

Nordestina"; C. F. Latorre com "Sesta"; J. Lecocq com "Último ajuste"; G. Lorca com "Época de crise"; P. S. Mendes com "Ao cair da tarde"; M. Morales Fº. com "Cena de ballet"; B. Mors com "Acesso ao lago"; A. F. Nuti com "Caminho de Itanhaem"; M. Otsuka com "Grade moderna"; F. Palmerio com "Beira-mar"; N. S. Rodrigues com "Paz"; E. Salvatore com "Tormenta próxima" e "Inspiração"; A. Souza Lima com "Meia noite"; S. Trevelin com "Garoto" e "Dentro da enseada"; A. Trovato com "Nú" (Estudo); A. S. Victor, com "Luzes da manhã" e J. V. E. Yalenti com "Paralelas e diagonais".

CONCURSOS INTERNOS

Vêm sendo disputados com grande entusiasmo os concursos internos do corrente ano, comumente reunindo mais de uma centena de trabalhos. Os temas prefixados, são dos mais sugestivos e interessantes, contribuindo para aumentar o interesse que se nota em torno dos concursos, não só por parte dos disputantes, como também pelos demais associados e desta forma a sede já se tornou pequena para acomodá-los nos dias de julgamento, quando o juri faz, publicamente, a análise de cada um dos trabalhos. Colhem assim, concorrentes e assistentes, valiosos ensinamentos e uma orientação segura para suas futuras produções.

É o seguinte o calendário dos concursos internos para os próximos meses:

Março	- Tema livre
Abril	- Reflexos (espelhos, superfícies polidas, etc.)
Maio	- Tema livre
Junho	- Sombras
Julho	- Tema livre
Agosto	- Não haverá concursos, em virtude dos preparativos e realização do XIº SALÃO INTERNACIONAL DE ARTE FOTOGRÁFICA DE SÃO PAULO.
Outubro	- Arquitetura, Monumentos (ângulos, detalhes)
Novembro	- Tema livre
Dezembro	- Simplicidade.

Lembramos aos concorrentes que, nos termos do regulamento, os trabalhos deverão ser entregues **já montados**, em cartolina de 35x50 ou 50x70 cts. (exceção feita para os concorrentes do interior ou outros Estados), até o dia 20 de cada mês, impreterivelmente.

Figuram ainda neste salão representando o Brasil, nossos consócios, do Rio de Janeiro, Djalma Gaudio, com "Retrato de Mlle. A. B." e José Oiticica Fº., com "Estudo", "Nuvens em Maria Angú" e "Recolhendo a rede", além de outros 22 trabalhos de 14 associados da S. F. F..

— ● —

3.º SALÃO DE BANGALORE, INDIA, 1950 — Também á longinqua India chegaram os trabalhos de aficionados brasileiros, através das representações do F. C. B. e da S. F. F.. Participaram da representação bandeirante, os seguintes associados: F. Albuquerque, com "Tentação"; G. Lorca, com "Colunas do museu"; J. Polacow com "Destino"; L. Vaccari com "Stela Maria" e L. Tanigaki com "Composição".

BIBLIOGRAFIA

Recebemos o segundo número da revista FOTOGRAFIA, recentemente surgida entre nós, com sede no Distrito Federal. Sob a orientação de A. C. Barbosa Teixeira e contando com o patrocínio cultural de várias instituições científicas e oficiais, confirma este número a lisongeira impressão já deixada em sua primeira apresentação e quer pelo conteúdo, quer pela sua esmerada feitura, nada fica ela a dever ás melhores revistas estrangeiras.

Estão, pois, de parabens, não só os seus ideadores, como também os aficionados brasileiros pelo surgimento de mais este órgão de divulgação e ensino da fotografia em seus multiplos aspectos: arte - ciência e técnica.

CALENDÁRIO DE SALÕES INTERNACIONAIS DE 1951

Pelo Diretor de Intercâmbio foi organizado o calendário abaixo dos salões internacionais a se realizarem durante o ano de 1951, e aos quais o F. C. Bandeirante deverá se fazer representar. Os consócios que desejarem participar das remessas coletivas deverão entregar os seus trabalhos ao Diretor de Intercâmbio, até as datas limite respectivas, constantes do quadro abaixo.

Nessa relação foram incluídos, de preferência, os salões promovidos por entida-

des congêneres que mantêm intercâmbio com o F.C.B. e que se realizam anualmente, o que não impedirá de, á relação serem acrescentados, posteriormente, outros certames ou salões promovidos por associações amigas ou que venham a iniciar relações com o Clube.

Assim também, está o Clube á disposição das demais entidades congêneres nacionais que desejarem se utilizar de suas remessas coletivas para enviar trabalhos dos respectivos associados.

N.º do salão	Denominação - Local - País	Circuito	Data de entrega no clube.
4.º	Dinamarca	_____	10 de abril
18.º	"Iris" - Antuérpia, Bélgica	Bruxelas	10 de abril
12.º	Três Arroyos - Argentina	_____	20 de abril
12.º	Tóquio - Japão	_____	30 de abril
8.º	"Christchurch" - Nova Zelândia	_____	30 de abril
	Irish — Dublin, Irlanda	_____	5 de maio
26.º	Vooruit — Gent — Bélgica	(circuito de Charleroi)	
42.º	Londres — Inglaterra	_____	17 de maio
96.º	"Royal Photographic Society" — Londres, Inglaterra	_____	30 de maio
11.º	Salta — Argentina	_____	30 de maio
27.º	Zaragoza — Espanha	(circuito de S. Sebastian)	
5.º	Bologna — Italia	_____	6 de junho
12.º	Estocolmo — Suécia	_____	6 de junho
	Bruxelas — Bélgica	(circuito de Antuérpia)	

OPORTUNIDADES

Esta secção acha-se à disposição dos amadores ou profissionais interessados na compra, venda ou permuta de aparelhos ou materiais foto-cinematográficos, sendo os pequenos anuncios cobrados à razão de Cr.\$ 50,00 para o máximo de 4 linhas. Para os sócios do Clube e assinantes do Foto-cine, a inserção de um pequeno anuncio mensal será gratuita.

VENDE-SE por preços abaixo da praça, o seguinte material fotográfico e cinematográfico, trazido dos EE. UU.: filmador sonoro AURICON completo para carretéis de 100 pés; flash-light HEILAND, com bateria; tripé grande, marca QUICK-SET; ampliador de fotografia OMEGA B-3, completo; uma tela para cinema 75"x50", lampadas Flodds com e sem refletor; metal slides; maletas e caixas para metal slides; carretéis de 16 mm de 400' marca Bell & Howell para cinema; maletas para coleção de carretéis de 400, 16 mm., para cinema; dois grandes refletores para "studio" marca ACME LITE. Tratar na Praça Vilaboim, 85, fone: 51-3981.

ACESSÓRIOS em geral para fotografia pelos melhores preços. Esmaltadeiras 50x60, tipo plana, toda de ferro "Fontamac", esmaltadeiras 30x40, 45x60, curvas, refletores, roletes, placas cromadas, marfinites, intermediários para filme rígido, etc.. Não aceite imitações. FONTAMAC, Rua Francisca Mi-quelina, 190 - Fone: 33-5628.

VENDE-SE: 1 câmara fotográfica 13x18 com 6 chassis duplos, mala e tripé; 1 objetiva Berthiot 1:6,8 de 200 m/m; 1 objetiva Berthiot 1:6,8 de 300 m/m; 2 obturadores e mais outros acessórios para quarto escuro. Informações com ANGELO, na sede social do F. C. Bandeirante, aos sábados, das 15 às 18 horas.

ARTIGOS fotográficos e cinematográficos acessórios em geral para amadores e profissionais, temos sempre em estoque. Visite-nos sem compromisso. SIMON KESSEL, Rua Conselheiro Crispiniano, 404 - 2.º andar - sala 211.

VENDE-SE uma CONTAX último modelo, recém-vinda da Alemanha, obj. 1:1,5 T, azulada, com bolsa de prontidão, fotômetro e filtro. Preço Cr.\$12.500,00. Tratar com Abelardo, Fone: 51-1087.

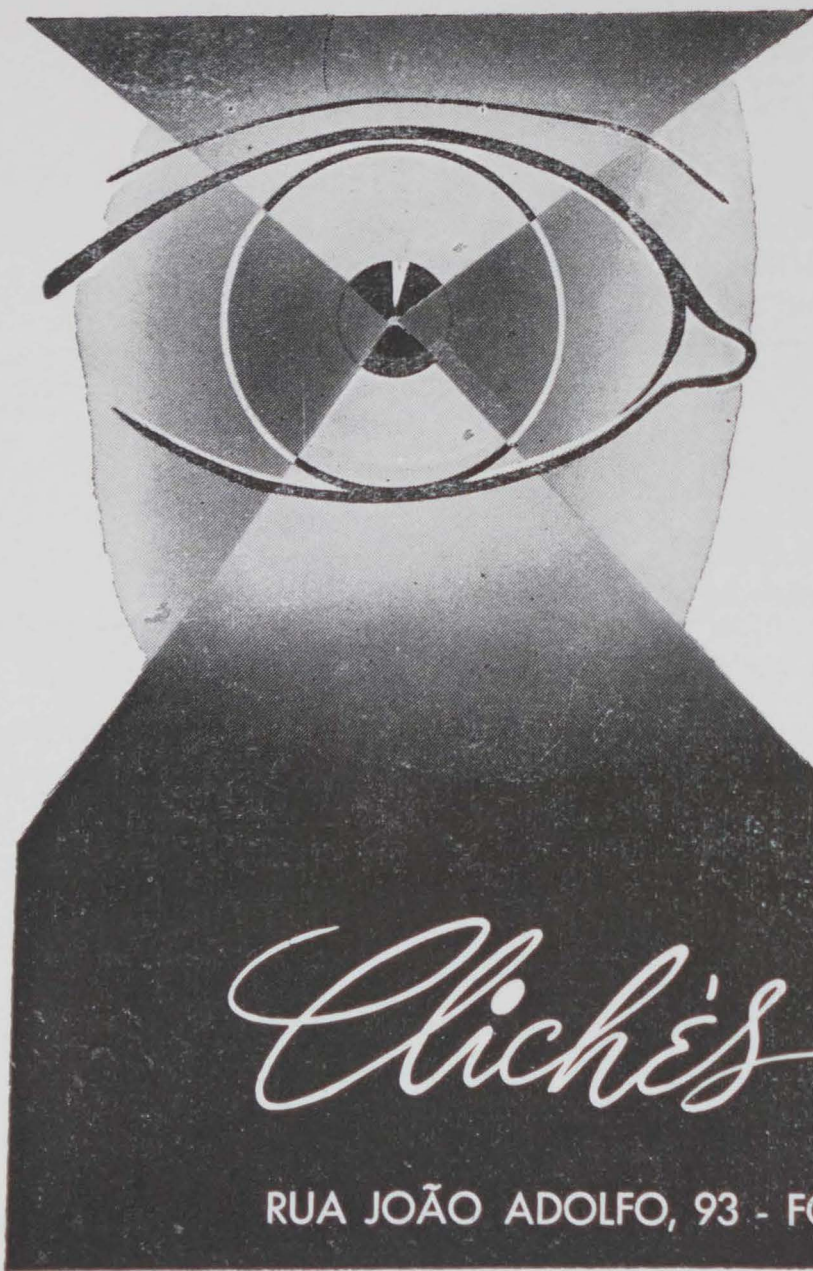
VENDE-SE uma CONTAX com pouquíssimo uso, último modelo, fotômetro embutido, bolsa original de prontidão por Cr.\$ 8.500,00. Tratar com Nelson, na secretaria do Clube, das 20 às 22 horas.

**KOSMOS
FOTO**

ARTIGOS E SERVIÇOS
FOTOGRÁFICOS, CINEMATOGRAFICOS

RUA SÃO BENTO 288,
TEL.: 2-5882
SÃO PAULO

MAR
CUS



MILHARES DE OLHOS

VÊM E JULGAM OS SEUS
ANUNCIOS

Da sua apresentação
depende a sua eficiência.

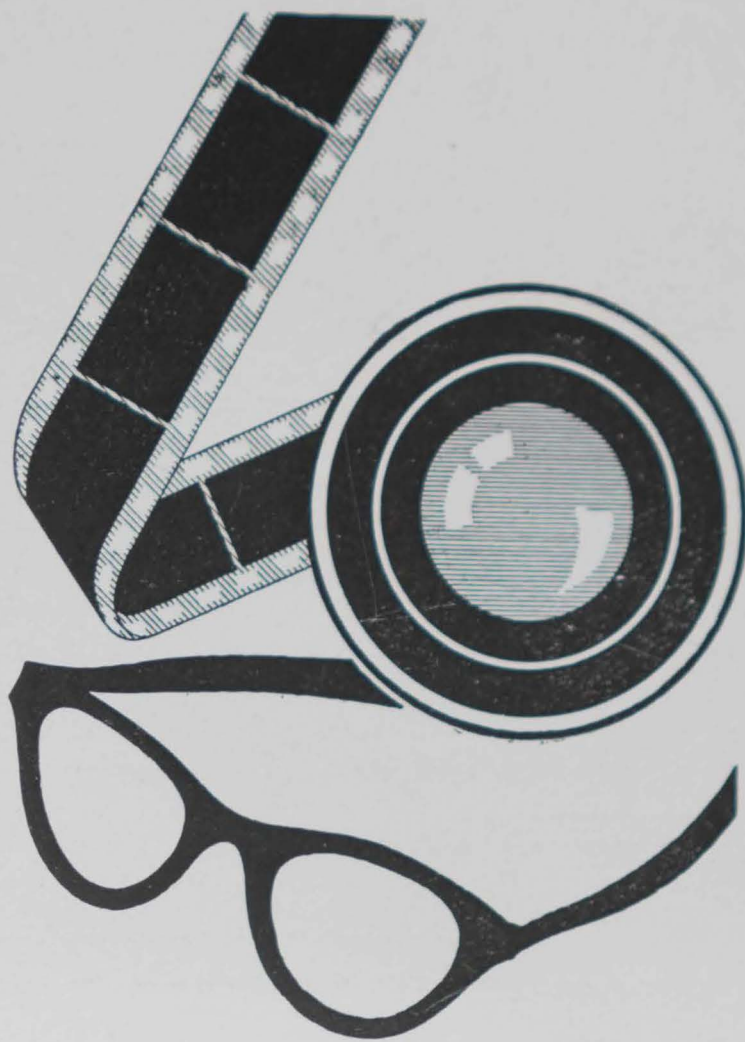
Portanto, em seus impressos
use sempre

Clichés

FORTUNA

RUA JOÃO ADOLFO, 93 - FONE 2-3492

**foto cine
otica**



FOTOPTICA

CONHEÇA A NOSSA FILMOTÉCA DE ALUGUEL RECENTEMENTE INAUGURADA.

**R. S. Bento, 359
Tel. 32-4900**

NÃO TEMOS FILIAIS



Faça a "biofotografia"
de seu filho, com
filmes

Gevaert

À venda nas melhores casas do ramo.

Record 1008